

HT-192



Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de letras e ciências Sociais
Departamento de História

AS RELAÇÕES DE GÉNERO NA PRODUÇÃO DO ALGODÃO
UMA ANÁLISE DO SECTOR FAMILIAR NO DISTRITO DE
GORONGOSA, 1995-2005

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane

Augusta de Fátima Charifo Maita

Maputo, Junho 2006

HT-192

**AS RELAÇÕES DE GÉNERO NA PRODUÇÃO DO ALGODÃO
UMA ANÁLISE DO SECTOR FAMILIAR NO DISTRITO DE GORONGOSA,
1995-2005**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane por Augusta de Fátima Charifo Maita

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de História

Supervisora: Profa. Dra. Benigna Zimba

Maputo, 2006

U.E.M. - FLCS.
R. E. 31511
DATA 14 / 07 / 06
AQUISIÇÃO... @ Zimba
COTA... HT-192

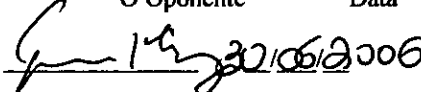
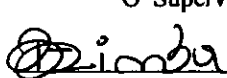
O Júri

O Presidente

O Supervisor

O Oponente

Data



20/06/2006

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de licenciatura:

À memória da minha mãe.

Ao meu pai Domingos Maita, por tudo que ele significa para mim, e pelo apoio incondicional que sempre me deu.

Aos meus irmãos, Teresa e Domingos pela amizade, confiança e sobretudo pela paciência e carinho ao longo destes 5 anos.

A toda minha família, aos meus avós, tios e primos pela força que me deram no decurso dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

É impossível agradecer a todos os que, directa ou indirectamente, contribuíram para que a realização deste trabalho se tornasse possível ao longo dos 5 anos de estudo não obstante, alguns merecem uma menção especial. Sendo assim, endereço os meus profundos agradecimentos:

Ao meu pai Domingos Maita, cujo incentivo e estímulo, tornaram possível a realização deste trabalho.

À minha supervisora, Professora Doutora Benigna Zimba, pelo inestimável apoio, confiança e pelas oportunidades que me deu, que me permitiram ganhar experiência de trabalho, o que em grande medida, facilitou a realização deste trabalho.

Ao Núcleo de Estudos da Terra e Desenvolvimento (NET), por financiar a realização deste trabalho.

Aos Professores Arlindo Chilundo, David Hedges e Gerhard Liesegang que, com paciência disponibilizaram os materiais que foram de grande utilidade para a realização deste trabalho.

À direcção, corpo docente e trabalhadores do Departamento de História, em especial à Dra. Denise Malauene, a dra. Carlota Mondlane e a Luisa Gomes pelo apoio prestado.

Ao Eng. Norberto Mahalambe do Instituto do Algodão de Moçambique, por todo apoio e incentivo.

Ao Eng. José Dambiro, da delegação do IAM da Beira, e ao sr. Bernard Boudaier, director geral da CNA e seus trabalhadores, em especial o Eng Marcos Massa.

Ao director da DDADR de Gorongosa, José Saguete e a todos os funcionários desta instituição.

Aos meus colegas e amigos do curso de História, em especial Ana Nhica, Décio Muianga, Augusta, Albino, Gil Filipe, e particularmente à Alzira Bucuane por partilhar comigo o seu material de trabalho.

Ao Sizo Bilale, Didy Bebane, Adelino Xerinda, Lito Mussanhane por todo apoio prestado no decurso deste trabalho, e especialmente a ti Flávio, por tudo o que significas para mim.

Às minhas “manas” Paula, Kikas, Bessie, Manuela e Natasha.

À todos os entrevistados (ver fontes orais) que com muita paciência e consideração responderam às questões colocadas, e finalmente ao Eduardo, meu assistente doméstico pelo apoio em todas as horas.

LISTA DE ABREVIATURAS

AFD	Agência Francesa de Desenvolvimento
AGP	Acordo Geral de Paz
BM	Banco Mundial
CEA	Centro dos Estudos Africanos
CNA	Companhia Nacional Algodoeira
DDADR	Direcção Distrital de Agricultura e Desenvolvimento Rural
DINECA	Direcção Nacional de Comercialização Agrícola
FMI	Fundo Monetário Internacional
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
IAM	Instituto do Algodão de Moçambique
JVC's	Joint Venture's Company
PIB	Produto Interno Bruto
PDP	Programa dos Distritos Prioritários
PPI	Plano Prospectivo Indicativo
PRA	Programa de Relançamento do Algodão
PRE	Programa de Reabilitação Económica
PRES	Programa de Reabilitação Económica e Social
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique
SEA	Secretaria do Estado de Algodão
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

CRONOLOGIA CONTEXTUALIZADA

- 1975 Independência Nacional
- 1976 Criação da Direcção Nacional de Comercialização agrária (CEA, 1978)
- 1977 Realização do Terceiro Congresso da Frelimo
- 1980 É lançado o Plano Prospectivo Indicativo (Abrahamsson & Nilsson, 1994)
Extingue-se o IAM (Mahalambe, 2006)
- 1983 Quarto Congresso da Frelimo (Directivas económicas, 1983; Abrahamsson & Nilsson, 1994; Adam, 2006)
Cria-se a Secretaria do Estado do Algodão em substituição do IAM (Mahalambe, 2006)
- 1984 Moçambique adere ao FMI e ao BM (Abrahamsson & Nilsson, 1994; Adam, 2006; Ratilal, s/d)
- 1984-85 Regista a produção mais baixa do algodão dos últimos 50 anos, atingindo apenas 5.200 toneladas (IAM, 2000; Lemaitrê et al, 2001;)
- 1987 Introdução do Programa de Reabilitação Económica
- 1989 Implementa-se o Programa dos Distritos Prioritários (Pitcher, 1996; Abrahamsson & Nilsson, 1994)
- 1990 PRE transformado em Programa de Reabilitação Económica e Social
Criação das primeiras Joint Venture's entre as empresas privadas e o Estado (Fok, 1995; Lemaitrê et al, 2001; Pitcher, 1996a; 1996b; 1998; Isaacman, 1996)
- 1991 Extingue-se a SEA e cria-se em seu lugar o IAM (Mahalambe, 2006)
- 1992 Assinatura do Acordo Geral de Paz entre a Frelimo e a Renamo.
- 1995 Relançamento da produção do algodão (Mahalambe, 2006; Lemaitrê et al, 2001, IAM, 2000)
- 1997 Aprovação da nova Lei de Terras (Lei nr. 19/97)
- 1998-99 A produção global do algodão regista a cifra de 116.716 toneladas, a maior após a Independência
- 2004 Aprovação da Lei da Família

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. População do distrito por sexo e tamanho	7
Tabela 2. A produção do algodão-carço no distrito de Gorongosa (1975-1985)	22
Tabela 3. Evolução da produção do algodão no distrito de Gorongosa (1996-2005)	27
Tabela 4. Número de camponeses inscritos na CNA	43
Tabela 5. Calendário da produção do algodão	45

RESUMO

O presente trabalho com o título, "As Relações de Género na Produção do Algodão: Uma Análise do Sector Familiar no Distrito de Gorongosa, 1995-2005", tem como objectivo, analisar em que medida a participação activa da mulher na produção do algodão se articula com as relações de género à nível da produção do algodão e ao nível dos agregados familiares no distrito de Gorongosa. Neste sentido, analisamos a produção do algodão no distrito de Gorongosa de 1995 a 2005, discutindo as políticas do governo tendo em conta as transformações ocorridas no Sector Familiar; caracterizamos a produção do algodão do Sector Familiar e analisamos o impacto da guerra dos 16 anos na produção do algodão; e, analisamos as relações de género no distrito de Gorongosa a nível da produção do algodão e ao nível dos agregados familiares, destacando o papel específico da mulher no processo produtivo.

No decurso do trabalho foi possível constatar que a produção do algodão no distrito de Gorongosa baixou muito após a independência, em 1975 devido às políticas do governo, nomeadamente a promoção das Machambas Estatais e cooperativas de produção, a instalação das Aldeias Comunais, e a consequente marginalização do Sector Familiar, associadas às calamidades naturais e à guerra do 16 anos entre a Frelimo e a Renamo. Verificamos que a guerra dos 16 anos entre a Frelimo e a Renamo teve um impacto negativo na produção do algodão e particularmente sobre as mulheres do distrito de Gorongosa, que se viram sem os seus maridos, e como consequência tiveram que adoptar estratégias de sobrevivência de modo a assegurarem a manutenção dos seus familiares. Constatamos que o algodão no distrito cultivava-se em conjunto com as culturas alimentares, e que tanto homens como mulheres participam na produção de culturas alimentares bem como das culturas de rendimento, não havendo desse modo, uma distinção com base no género na produção de culturas no distrito. Verificamos que o algodão é uma cultura de rendimento muito importante e que constitui uma das principais fontes de acumulação das famílias, não obstante a fraca produção observada a nível do distrito. Concluímos que, apesar das mulheres do distrito de Gorongosa terem acesso à terra e desempenharem um papel preponderante no processo produtivo, estas não controlam os rendimentos provenientes da sua produção, devido ao sistema patriarcal vigente no distrito e a factores de ordem cultural, como é o caso da poligamia. A nível dos agregados familiares constatamos que a participação da mulher na produção do algodão constitui uma estratégia de sobrevivência familiar e contribui para iniciar o processo de construção de novas relações de género, ainda que de forma ténue.

Índice

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de Abreviaturas.....	iv
Cronologia contextualizada.....	v
Lista de tabelas.....	vi
Resumo.....	vii

Capítulo I Introdução

1.1. Contexto geral do trabalho.....	1
1.2. Objectivos do trabalho e motivação.....	2
1.3. Problema de estudo e hipóteses.....	3
1.4. Metodologia e fontes.....	5
1.5. Breve caracterização do distrito de Gorongosa.....	6

Capítulo II Revisão da Literatura e Conceitos

2.1. As Relações de Género.....	9
2.2. O Sector Familiar na produção do algodão.....	13
2.3. A importância do Sector Familiar na produção do algodão.....	15
2.4. A importância da mulher na produção do algodão.....	17

Capítulo III Breve Historial da produção do algodão no distrito de Gorongosa.....

19

Capítulo IV A produção do algodão no sector familiar no distrito de Gorongosa entre 1995 e 2005

4.1. A produção do algodão no sector familiar no distrito de Gorongosa.....	25
4.2. Características da produção do algodão no sector familiar no distrito de Gorongosa.....	29
4.3. O impacto da guerra dos 16 anos na produção do algodão no distrito de Gorongosa.....	36

Capítulo V As relações de género na produção do algodão a nível do sector familiar no distrito de Gorongosa

5.1. As relações de género na produção do algodão no distrito de Gorongosa.....42

5.2. As relações de género a nível dos agregados familiares no distrito de Gorongosa.....46

Capítulo VI Conclusão.....54

Fontes consultadas.....57

Anexos.....63

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Contexto geral do trabalho

O algodão é actualmente, o terceiro maior produto de exportação de Moçambique, e cultiva-se maioritariamente no Norte do País, principalmente na província de Nampula, (maior produtor nacional) e no Centro, com destaque para a província de Sofala¹. O presente trabalho pretende analisar a produção do algodão no distrito de Gorongosa pelo facto deste, constituir uma das principais fontes de rendimento das famílias camponesas daquele distrito². Esta análise terá como base as relações de género na produção do algodão à nível do Sector Familiar, por considerarmos, que as mulheres do distrito, participam activamente em quase todas as fases da produção, e pelo facto do Sector Familiar, ser actualmente responsável por 99% da produção do algodão do País³. Este trabalho enquadra-se na análise do conjunto das políticas levadas a cabo nos finais da década de 80 pelo governo de Moçambique, no sentido de reorientação das suas prioridades no âmbito das reformas económicas.

No que concerne às balizas cronológicas do nosso estudo, escolhemos o ano de 1995 porque foi o ano que iniciou o Programa do Relançamento da Produção do Algodão (PRA), em que se pretendia re-introduzir a cultura do algodão, nas zonas onde a produção havia sido abandonada, na altura da independência ou em virtude da intensificação da guerra⁴, como é o caso do distrito de Gorongosa. E 2005 porque o distrito de Gorongosa, não sendo o potencial produtor, atinge grandes níveis de

¹ Patrick Lemaitrê et al, *Estudo do Subsector do Algodão* (Volume 1, Relatório Final, 2001), p.51.

² Administração do Distrito de Gorongosa, *Plano Estratégico Distrital do Desenvolvimento de Gorongosa*, 2006.

³ Norberto Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique- Aprendizagem Conjunta, Crescimento Conjunto," 2006, p.5.

⁴ Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique," p.4; Lemaitrê et al, *Estudo do Subsector*, p.150.

produção, situando-se na segunda posição a seguir a Maríngue (potencial produtor), facto que não acontecia, desde o relançamento da produção em 1995⁵.

O presente trabalho está estruturado em 6 capítulos.

No **Capítulo I** estão patentes os objectivos do trabalho e motivação, o problema de estudo e as hipóteses, a metodologia que será usada e finalmente fazemos uma breve caracterização do distrito de Gorongosa; no **Capítulo II** fazemos a revisão da literatura onde analisamos os conceitos de Relações de Género e do Sector Familiar na produção do algodão; no **Capítulo III** fazemos um breve historial da produção do algodão no distrito de Gorongosa; no **Capítulo IV** caracterizamos a produção do algodão no Sector Familiar e analisamos o impacto da guerra dos 16 anos na produção do algodão, no **Capítulo V** analisamos as relações de género na produção do algodão e a nível dos agregados familiares no distrito de Gorongosa, e no **Capítulo VI** apresentamos as conclusões do nosso estudo.

1.2. Objectivos do trabalho e motivação

O objectivo geral deste trabalho é analisar em que medida a participação activa da mulher na produção do algodão se articula com as relações de género à nível da produção do algodão e ao nível dos agregados familiares no distrito de Gorongosa, entre 1995 e 2005.

Neste sentido, os objectivos específicos que este trabalho preconiza são:

(1) Analisar a produção do algodão no distrito de Gorongosa de 1995 a 2005 e discutir as políticas do governo tendo em conta as transformações ocorridas no Sector Familiar.

⁵ Instituto do Algodão de Moçambique, *Evolução da Produção do Algodão-carão na Província de Sofala entre 1975 a 2005*, 2006.

(2) caracterizar a produção do algodão do Sector Familiar e analisar o impacto da guerra dos 16 anos na produção do algodão, de modo a verificarmos, como a guerra afectou a produção do algodão e as relações de género no distrito de Gorongosa.

(3) Analisar as relações de género no distrito de Gorongosa a nível da produção do algodão e a nível dos agregados familiares destacando o papel específico da mulher no processo produtivo.

As principais motivações e justificações para a abordagem deste tema são:

(1) Os estudos relativos à produção do algodão concentram-se mais nas áreas de grande potencial agro-ecológico, concretamente o Norte do País, negligenciando as áreas de médio potencial, como é o caso do distrito de Gorongosa, onde os produtores têm no algodão, uma das principais fontes de rendimento⁶; portanto, uma das razões da escolha do tema, é fazer com que a produção do algodão no distrito de Gorongosa, seja conhecida.

(2) A província de Sofala, como um todo, ocupa o terceiro lugar a nível da produção nacional, sendo o distrito de Gorongosa, considerado o celeiro da província, devido à sua localização geográfica, o seu potencial agro-ecológico e pela sua importância económica e social⁷.

1.3. Problema de estudo e hipóteses

O algodão é uma cultura de rendimento que tem uma longa história em Moçambique, analisada por diversos autores⁸. Esta história foi marcada entre os anos

⁶ Lemaitre et al, *Estudo do Subsector*, p.16.

⁷ Administração do Distrito de Gorongosa, *Plano Estratégico Distrital*, p.18.

⁸ Sobre a produção do algodão e sua evolução veja as seguintes obras:

Nelson S.Bravo, *A cultura Algodoeira na Economia do Norte de Moçambique* (Dissertação para acto de Licenciatura, Lisboa, 1962); Carlos Fortuna, *O Fio da Meada: O Algodão de Moçambique, Portugal e a Economia-Mundo 1860-1960* (Porto: Edições Afrontamento, 1993), 194p.; Michel Fok, *O Sub-Sector Algodoeiro em Moçambique: Diversidade Institucional, Desempenho e Perspectivas para o Melhoramento* (Ministério da Agricultura e Pescas/CIRAD, 1995).

1930, 1940 a 1960 pelos mais altos níveis de exploração das populações camponesas, dentre elas as mulheres⁹. Por outro lado, não há dúvidas que o algodão constitui hoje, uma das principais culturas de exportação do nosso País, sendo um grande contribuinte do Produto Interno Bruto (PIB), fonte para captação de divisas, contribuindo positivamente para o equilíbrio da balança de pagamentos¹⁰, e contribuindo para a melhoria do nível de vida de milhares de agregados familiares nas zonas rurais. Neste contexto, pretendemos analisar em que medida a participação activa da mulher na produção do algodão a nível do Sector Familiar se articula com as relações de género no distrito de Gorongosa. Assim, as hipóteses que levantamos são:

- (1) O relançamento da produção do algodão em 1995 gerou emprego a milhares de agregados familiares nas zonas rurais, contribuindo para a satisfação das suas necessidades fundamentais¹¹.
- (2) Apesar das mulheres do distrito de Gorongosa terem acesso aos recursos (nomeadamente a terra) e desempenharem um papel preponderante na produção do algodão, estas não têm o controle sobre os rendimentos provenientes da sua produção devido ao sistema patriarcal vigente naquela região e a outros factores de ordem cultural, sendo que as mulheres que detêm o controle sobre os seus rendimentos são aquelas que, grosso modo são separadas, viúvas e solteiras.
- (3) A participação da mulher na produção do algodão no distrito de Gorongosa constitui uma estratégia de sobrevivência familiar, e possibilita o aumento dos rendimentos ao

Allen Isaacman, *Cotton is the Mother of Poverty: Peasants, Work and rural struggle in colonial Mozambique, 1938-1961* (Portsmouth: Heinemann, 1996), 272p.; Anne Pitcher, *Politics in the Portuguese Empire* (Clarendon Press: Oxford, 1993), 322p.

⁹Isaacman, *Cotton is the Mother of Poverty*, p.1-3; Allen Isaacman & Arlindo Chilundo, "Peasants at Work: Forced Cotton Cultivation in Northern Mozambique 1938-1961," in: Allen Isaacman & Richard Roberts, eds., *Cotton Colonialism and Social History in Sub-Saharan Africa* (Portsmouth: Heinemann, 1995), p.158.

¹⁰ Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique," p.1.

¹¹ Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique," p.1.

nível dos agregados familiares, contribuindo para iniciar o processo de construção de novas relações de género a nível dos agregados familiares e da comunidade.

1.4. Metodologia e Fontes

Para a elaboração deste trabalho seguimos diversos métodos, utilizando várias técnicas de investigação em Ciências Sociais, como a pesquisa da bibliografia e o trabalho de campo, no qual consistiu em entrevistas individuais e de grupo com carácter semi-estruturado; na observação directa e na recolha de histórias de vida. De Outubro de 2005 a janeiro de 2006 efectuamos a pesquisa bibliográfica em várias instituições ligadas ao tema em estudo. Esta pesquisa consistiu na análise de literatura secundária que nos permitiu orientar o nosso trabalho.

Para a parte técnica da metodologia consultamos as obras de Maria Lakatos e Marina Marconi (1992); Wanda do Amaral (1999) e Quivy e Campenhoudt (1992) para a preparação do projecto de pesquisa, do trabalho de campo e para a elaboração do texto da dissertação. Para o desenvolvimento da parte teórico-conceptual, as obras de Joan Scott (1989), Kate Young (1988), Benigna Zimba (2003) e Ana Loforte (2000), constituem ferramentas úteis para a percepção do conceito de relações de género. O Regulamento para a cultura do algodão (1994) o artigo de Anne Pitcher (1996) e o artigo de Afonso Ofiço & David Tschirley elucidam-nos sobre o conceito "Sector Familiar".

No decorrer da pesquisa bibliográfica constatou-se que a literatura referente à produção do algodão em si é vasta. Contudo, pouco há sobre a participação da mulher neste sector de produção. Neste contexto, e por uma questão metodológica, consultamos trabalhos que tratam da participação da mulher noutros sectores de actividade, de modo

a complementarmos as nossas análises. O mesmo aconteceu em relação a matéria relativa à produção do algodão no distrito de Gorongosa, que é quase inexistente.

Em relação à parte prática do trabalho, as obras de Anne Pitcher (1996a); Allen Isaacman (1996) CEA (1978); UEM/CEA (1986); Hans Abrahamson & Anders Nilsson (1994), Adolfo Casal (1989) Michel Fok (1995) e Patrick Lemaitre et al (2001) são ferramentas importantes para a análise da produção do algodão a partir da independência.

No que diz respeito ao trabalho de campo, efectuamos as entrevistas na cidade da Beira, onde a Direcção provincial da Agricultura e Desenvolvimento Rural e a CNA estão representadas; na Vila sede do Distrito de Gorongosa e no Posto Administrativo de Nhamadzi, na Localidade de Canda. Em toda a província entrevistamos um total de 45 indivíduos de diversas categorias. Entrevistamos 29 camponeses dos quais, 21 mulheres¹² e 8 homens, 5 representantes da CNA, 6 representantes da DDADR, entre outros. A conjugação dos métodos acima referidos permitiram a elaboração do texto final da dissertação através da comparação das teorias apresentadas pelos diversos autores, com o que na realidade observou-se no campo.

1.5. Breve caracterização do distrito de Gorongosa

O distrito de Gorongosa localiza-se no extremo Oeste da Província de Sofala, entre os paralelos 18° 45' e 19° 15' Sul e entre os Meridianos 33° 30' e 34° 45' Este. O distrito faz limites, ao Norte com o distrito de Maríngue; ao Sul com o distrito de Nhamatanda; a Este com o distrito de Cheringoma e a Oeste com os distritos de Macossa e Gondola, estes últimos na província de Manica.

¹² do total das 21 mulheres, entrevistamos 14 mulheres casadas, 4 viúvas e 3 solteiras.

O grupo étnico do distrito designa-se *magorongoze*, que provém da fusão do Bárue, do Sena, do Shona e Ndau. A língua local da população do distrito é *Chigorongozi* ou *Xiduma*.

A superfície do distrito é de 7.659km², com uma densidade populacional de aproximadamente 12 habitantes por km². De acordo com o censo populacional de 1997, a população do distrito é estimada em cerca de 92.555 habitantes. Existem em Gorongosa, 18.511 agregados familiares com um tamanho médio de 5 pessoas, como mostra a tabela que se segue:

Tabela. 1 – População do Distrito por Sexo e Tamanho

População Enumerada						Nº de Agregado Familiar	Tamanho Médio Familiar
Total	%	Hom	%	Mul	%		
92.555	100	45.050	48,8	47.505	51,3	18.511	5

Fonte: II Recenseamento Geral de População e Habitação, 1997

O clima da região é o característico das savanas tropicais húmidas, recebendo a maior parte das chuvas entre Novembro e Abril. Devido à influência marítima regista-se também precipitação durante a estação seca¹³. As precipitações médias anuais variam entre 900 a 2000 mm anuais. Em relação aos solos, no distrito ocorre muita variação de tipos de solos. Contudo destacam-se os solos argilosos e franco-argilosos que dominam as zonas Sul e Este do distrito e nas margens do rio Púngue, e os solos arenosos acastanhados que dominam o norte do Posto Administrativo de Vunduzi e em todo Posto Administrativo de Nhamadzi. A maior parte deles tem uma grande limitação na drenagem e grande susceptibilidade à erosão¹⁴.

Em relação à agricultura, a área cultivada pelo Sector Familiar é de 28.156 hectares que corresponde a 2% do total da área do distrito. A principal actividade

¹³ António Zaquie, "População e Conservação no Parque Nacional de Gorongosa" (Tese, Licenciatura, Engenharia Florestal, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal-UEM, 1998).

¹⁴ Revés L. J Menezes, "Erosão dos Solos Agrícolas no Sector Familiar em Gorongosa: o Caso das Aldeias de Nhauranga e Magoe" (Tese, Licenciatura, Produção e Protecção Vegetal, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal-UEM, 2004).

económica do distrito é a agricultura, que envolve todas as famílias. As principais culturas alimentares do Sector Familiar são o milho, a mapira, a mandioca, o feijão, a meixoeira, o amendoim e o arroz. O milho, a mapira e a meixoeira são as principais culturas alimentares comercializadas pelas famílias, enquanto que o algodão e o girassol são as mais importantes culturas de rendimento para a comercialização agrícola do distrito.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA E CONCEITOS

A análise dos conceitos “Relações de Género” e “Sector Familiar na produção do algodão”, são de fundamental importância para o nosso estudo.

2.1. Relações de Género

A categoria “género” foi introduzida a partir dos anos 70 por estudiosos feministas de língua inglesa e francesa¹⁵. Esta categoria procura explicar as desigualdades entre homens e mulheres. Essas desigualdades são construídas dentro das sociedades e vão se alterando de acordo com as transformações culturais verificadas ao longo dos tempos.

De acordo com Joan Scott (1989) “género” é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e é também uma forma primeira de significar relações de poder¹⁶. Kate Young (1988) por sua vez define relações de género como relações socialmente construídas entre homens e mulheres que obtêm forma e são sancionadas por normas e valores defendidas pelos membros da respectiva sociedade. Para esta autora, são centrais para estas relações noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade, das diferentes capacidades, aptidões e pré-disposição dos sexos; nestas noções baseiam-se os comportamentos apropriados para cada um dos géneros¹⁷.

Enquadrado no contexto específico de Moçambique, Benigna Zimba (2003) define relações de género como uma categoria sociocultural que abrange muitas esferas do relacionamento entre homens e mulheres, rapazes e raparigas, pessoas casadas,

¹⁵ Isabel Casimiro, Ximena Andrade, “Construindo uma Teoria de Género em Moçambique,” *Estudos Moçambicanos* 11/12, Maputo/UEM (1992), p.101.

¹⁶ Joan Scott, “Género: uma categoria útil para análise Histórica,” Traduzido por C.R. Dabat e M. A. Ávila, do original: Scott, J, *Gender: UN useful category of historical analyses, Gender and the politics of history*, (New York: Columbia University Press, 1989), p.14.

viúvos, anciãos etc¹⁸. Enquanto que Ana Loforte (2000) define “género” como uma construção social e cultural fluída e passível de mudanças e refere que nas relações de género estão em causa as relações de poder e dominação¹⁹.

As definições de Young (1988) e de Zimba (2003) aproximam-se mais à realidade do nosso estudo pois no distrito de Gorongosa, a noção de relações de género na produção do algodão vai além da relação homem - mulher, uma vez que o processo de produção do algodão permite que todos os membros do agregado familiar –crianças, anciãos, deficientes etc.- participem nas diversas fases da produção. Como tal, para o nosso estudo, definimos relações de género como sendo relações socialmente construídas, que abrangem muitas esferas de relacionamento entre homens e mulheres, rapazes e raparigas, pessoas casadas, viúvas, anciãos, deficientes e que obtêm forma e são sancionadas por normas e valores defendidos pelos membros da respectiva sociedade.

Scott (1989), Loforte (2000) e Young (1988) consideram que as relações de género são essencialmente relações de poder. Isto é, se assumimos que as relações de género são socialmente construídas, então aceitamos que quem as constrói visa objectivos específicos, no sentido de estabelecer normas que orientam determinadas acções na sociedade. E ao fazer isso, impõe um certo número de regras a um certo grupo que se encontra numa situação menos favorável e que por isso mesmo tenha que as cumprir. Contudo, Loforte (2000) refere que estando o poder baseado nas desigualdades e garantindo privilégios aos seus detentores, ele pode estar sujeito à contestação por

¹⁷ Kate Young, “*Gender and development: a relational approach*”, Great Britain: Institute of Development Studies (IDS) – Sussex University (Tradução para a língua portuguesa realizada pelo CEA 1988), p.1.

¹⁸ Benigna Zimba, *Mulheres Invisíveis: o Género e as Políticas Comerciais no Sul de Moçambique, 1720-1830* (Maputo: Promédia, 2003), p.23.

¹⁹ Ana Maria Loforte, *Género e Poder Entre os Tsonga de Moçambique* (Maputo: Promédia, 2000), p. 15.

parte dos que não o detém, através do desenvolvimento de estratégias que visem diminuir o campo de acção dos detentores²⁰.

Ao longo do nosso trabalho abordaremos as relações de género na sua articulação com a divisão de trabalho e com o acesso e controlo dos recursos.

A divisão de trabalho é importante para o nosso estudo, porque define os papéis que cada um assume no seio da família. Dentro da família e da sociedade, homens e mulheres são alocados à actividades pela divisão sexual de trabalho com base num conjunto de ideias sobre o que são as capacidades dos homens e das mulheres e o que é apropriado que façam²¹. Em relação a este aspecto, Sonya Rose (1995) no seu estudo sobre a legislação laboral no séc XIX, refere que as leis com vista a proteger os direitos das mulheres, dentro da sociedade, acabam por legitimar a desigualdade entre homens e mulheres²².

No que diz respeito às relações de género, Ximena Andrade et al. (1998) referem que é através da divisão sexual de trabalho que as relações de género ganham toda a sua dimensão no sistema sexo/género construído socialmente²³. A divisão de trabalho no seio da família no que respeita à actividades produtivas obedece a padrões culturais bem definidos onde a variável sexo/idade ocupa uma posição de destaque na fixação dos papéis desempenhados no interior da família²⁴. Isto é, a divisão de trabalho, e os papéis sociais que o homem e a mulher desempenham definem-se essencialmente e em primeiro lugar entre aqueles que habitam a mesma residência e que em muitos casos não têm qualquer vínculo consanguíneo de família. É dentro da residência que se criam

²⁰ Loforte, *Género e Poder*, p.30.

²¹ Young, "Gender and development", p.5.

²² Sonya, Rose, *Protective Labor Legislation in Nineteenth-Century Britain: Gender, Class and Liberal State*, The University of Michigan: Unpublished Working Paper, p.13.

²³ Ximena Andrade et al, *Famílias em contexto de Mudanças em Moçambique* (Maputo: WLSAMOZ, 1998), p.31.

²⁴ Isabel Casimiro, Ana Loforte e Ana Pessoa, *A Mulher em Moçambique* (CEA/NORAD, 1990), p.18.

hábitos, normas, conceitos e obrigações que ditam a maneira como cada indivíduo se insere na sociedade²⁵.

O acesso e o controlo²⁶ dos recursos, nomeadamente a terra, é crucial para a mulher, pois possibilita a sua entrada em actividades que geram rendimentos. No entanto, na sociedade dominada pelo modelo patriarcal, onde as relações de poder inter-relacionam-se com o modelo económico dominante, o acesso e controlo dos recursos está em conformidade com o modelo dominante, neste caso pelo poder masculino²⁷. De acordo com Raquel Waterhouse & Carin Vijfhuizen (2001), dentro dos sistemas costumeiros de posse, as regras e normas que guiam o acesso, uso e controlo sobre a terra são habitualmente associadas ao estatuto da pessoa como membro dos grupos sociais; os direitos e obrigações são atribuídos diferentemente na base do sexo, idade, grau de parentesco e posição nas hierarquias da linhagem²⁸. Esta forma de ter acesso à terra não só é ineficiente, como também, dificulta o acesso aos rendimentos já que estes são controlados pelo homem. Sobre este aspecto, Marguerita Mejia (2000), refere que é possível ter acesso e não ter controle dos recursos, isso porque o acesso pode implicar um estágio inferior da capacidade de chegar a, e de usar um recurso, enquanto que o controle implica uma posição de poder que confere poderes políticos àquele que o detém. E no caso da mulher adianta que, elas têm acesso mas este não garante o controle, apenas assegura a solução de necessidades práticas para a subsistência, porque

²⁵ Benigna Zimba, "Identidade Feminina e Construção da Paz em Moçambique, 1992-2002," in: Brazão Mazula Coord., *Moçambique: 10 Anos de Paz* (Maputo: CEDE, 2002), p.49.

²⁶ Acesso é a habilidade de usar um recurso; enquanto que o Controlo é a habilidade de definir e tomar decisão sobre o uso de um recurso.

²⁷ Marguerita Mejia, "Dinâmicas Locais nas Associações de Camponeses no Distrito de Manhica, (Provincia de Maputo)," Relatório de Investigação (Maputo: UEM/CEA, 2000), p.7.

²⁸ Raquel Waterhouse & Carin Vijfhuizen, eds., *Estratégias das mulheres, proveito dos homens. Género, terra e recursos naturais em diferentes contextos rurais em Moçambique* (Maputo: NET/FAEF-UEM/Action Aid-Moçambique, 2001), p.11.

quem toma as decisões em última análise são os homens²⁹. Esta situação confirmou-se em Gorongosa, principalmente entre as mulheres casadas e em relação à produção do algodão, que constitui uma das principais fontes de acumulação das famílias.

Se no Norte do País as mulheres têm o direito de herança da terra, o mesmo já não acontece em relação às mulheres do distrito de Gorongosa, o que as coloca numa situação vulnerável em relação ao acesso e controlo dos rendimentos. Apesar de avanços significativos, a nova lei de terras continua ambígua em relação aos direitos das mulheres no que diz respeito ao acesso à terra. De acordo com Scott Kloeck-Jenson (1997), a nova lei de terras deu passos significativos no fortalecimento dos direitos das mulheres no uso da terra em Moçambique, podendo estas, pelo artigo 13, adquirir títulos individualizados no seio do Sector Familiar³⁰. No entanto, o facto da transmissão de herança e a resolução de conflitos nas comunidades locais continuarem a ter como base as normas e práticas costumeiras, faz com que os direitos das mulheres consagrados na Constituição, não sejam observados na prática³¹. De um modo geral podemos dizer que “em termos de posse, a terra surge como um meio através do qual os homens porque geralmente detém o poder de gestão desse recurso afirmam-se poderosamente sobre o sexo oposto³²”.

2.2. O Sector Familiar e a produção do algodão

Para a definição do conceito “Sector Familiar”, Isabel Casimiro, Ana Luforte e Ana Pessoa (1990) chamam-nos atenção ao cuidado a ter ao considerar o conceito, pois entendem que o campesinato moçambicano é extremamente diferenciado para

²⁹ Mejia, “Dinâmicas Locais nas Associações de Camponeses,” p.8/7.

³⁰ Scott-Kloeck, Jensen, *Análise do Debate Parlamentar e da Nova Lei Nacional de Terra para Moçambique* (Projecto do Land Tenure Center, 1997), p.13.

³¹ Esta situação é agravada pelo facto da população camponesa do distrito de Gorongosa, não ter acesso à informação que, em última análise, lhes permitiria saber sobre os seus direitos.

³² Xavier A. Lucas, “As Relações de Género no Acesso e Controlo da Terra na Localidade de Malaia, de 1942-1992” (Tese Licenciatura em História, Faculdade de Letras-UEM, 1999).

considerá-lo como um todo, e salientam que considerar indiscriminadamente os vários extractos do campesinato sob a designação genérica de "Sector Familiar" pode camuflar diferenças de classe existentes no seio do mesmo³³.

Neste sentido, para a definição do conceito "Sector Familiar" enquadrado no contexto específico da produção do algodão, o Regulamento para a cultura do algodão (1994) define "Sector Familiar" como se referindo à produção agrícola que se pratica por membros de um agregado familiar que cultivem o algodão dentro ou fora das áreas de concessões, inscritos em redes de fomento sob a responsabilidade dos concessionários, do Instituto do Algodão de Moçambique ou de outra entidade autorizada para tal. Esta definição dá-nos uma ideia geral do que constitui o conceito "Sector Familiar," no entanto há aspectos específicos a considerar para o nosso estudo. É o caso do tamanho das machambas, que geralmente são de 0.25 a 1.0 hectare, mas que podem variar de 2 a 10 hectares³⁴ nalguns casos como acontece em Gorongosa onde não existe o Sector Privado. Outro aspecto igualmente importante a considerar no conceito "Sector Familiar" é relativo à força de trabalho adicional que os agregados familiares recorrem nos períodos de grande pico na produção, como as sementeira e as colheitas³⁵.

Assim sendo, definimos "Sector Familiar" como se referindo à produção agrícola que se pratica principalmente por membros de um agregado familiar que cultivem o algodão nas suas próprias machambas³⁶, podendo estes, recorrer a ajudas externas nos períodos de grande pico como as sementeiras, as sachas e as colheitas.

³³ Casimiro, Loforte e Pessoa, *A Mulher em Moçambique*, p.17.

³⁴ Afonso Ofiço & David Tschirley, "An Overview of the Cotton Sub-Sector in Mozambique," (Collaborative Research Project on Competition and Coordination in Cotton Market Systems in Southern and Eastern Africa), Unpublished Paper, (2003), p.10.

³⁵ Anne Pitcher, "Conflict and Cooperation: Gendered Roles and Responsibilities Within Cotton Households in Northern Mozambique," *African Studies Review*, 39, nr. 3 (1996), p.109.

³⁶ Referimo-nos às suas próprias machambas porque a Companhia Nacional Algodoeira, a única concessionária na província, não possui terras na sua área de concessão, limitando-se apenas ao fomento da cultura, através do fornecimento de sementes e insumos aos camponeses.

O nosso ponto de partida baseia-se na necessidade de saber em que medida a participação activa da mulher na produção do algodão a nível do Sector Familiar se articula com as relações de género no distrito de Gorongosa. Assim, a presente revisão da literatura pretende analisar para este trabalho, duas questões fundamentais: (1) a importância do Sector Familiar na produção do algodão e, (2) a importância da mulher na produção do algodão.

2.3. A importância do Sector Familiar na produção do algodão

O Sector Familiar desempenha um papel fundamental na economia do País e apesar disso, pouco tem sido feito para a sua transformação no sentido de torná-lo mais produtivo. Apesar do Regulamento para a cultura do algodão identificar vários operadores económicos³⁷, é o Sector Familiar que mais contribui com a produção do algodão no País.

No período anterior à independência, o Sector Familiar era responsável por quase toda a produção do algodão em Moçambique, e o governo colonial lucrou bastante com o sector, através da exploração intensiva da mão-de-obra barata de que este dispunha. No entanto, após a independência o Sector Familiar foi totalmente marginalizado, e considerado um dos primeiros obstáculos contra o desenvolvimento e contra o projecto de modernização que os dirigentes moçambicanos tinham concebido em função dos objectivos nacionais subordinados a um determinado modelo de sociedade³⁸. A marginalização do Sector Familiar após a independência teve consequências desastrosas para a economia do nosso país, uma vez que, a maior

³⁷ De acordo com o Regulamento, os operadores económicos estão divididos em 6 classes distintas: sector familiar, agricultores não autónomos, agricultores autónomos, os concessionários, os descarregadores e os comerciantes. Ministério da Agricultura, *Regulamento para a Cultura do Algodão* (Diploma Ministerial 91/94, Maputo: Imprensa Nacional, 1994), p.7; Fok, *O Subsector Algodoeiro em Moçambique*, p.26.

³⁸ Adolfo Yanéz Casal, "A Crise da Produção Familiar e as Aldeias Comuns em Moçambique," *Revista Internacional dos Estudos Africanos*, 8-9, Janeiro-Dezembro, (1988), p.175.

percentagem da população economicamente activa do País, dentre as quais as mulheres, encontra-se nele engajada³⁹.

O Sector Familiar é actualmente o maior produtor de algodão, desde que as empresas concessionárias abandonaram o cultivo directo nos seus campos. De acordo com o Instituto de Algodão de Moçambique, mais de 90% da produção agrícola do País provém do Sector Familiar. Dados da campanha de 2003/2004 da produção de algodão por sectores mostram que, da produção total de 93.205 toneladas, 92.8% são provenientes do Sector Familiar sendo que 1.7% são provenientes dos agricultores autónomos e 0.09% são provenientes do Sector Empresarial⁴⁰.

Da importância do Sector Familiar para a economia do País, muito contribui o papel das mulheres, pois, 97% das mulheres economicamente activas do País, estão engajadas na produção agrícola e a maioria delas nas machambas familiares⁴¹. De acordo com Stephanie Urdang (1985), a transformação do Sector Familiar é vital para as mulheres pois, sem esta transformação, as mulheres camponesas vão continuar as mais oprimidas e exploradas das mulheres em Moçambique⁴². Portanto, ao analisarmos o Sector Familiar e as possíveis transformações que este deve sofrer no sentido de aumentar a sua produtividade e melhorar as suas técnicas, devemos ter em conta uma igual transformação da mulher, no sentido destas se tornarem mais visíveis e menos dependentes dos seus maridos bem como dos tabus e costumes que as obscurecem.

De um modo geral, podemos dizer que a produção agrícola do Sector Familiar pode ser bastante aumentada, através da canalização de tecnologias e insumos necessários. No entanto, antes de tudo é necessário criar condições para a venda de

³⁹ Anne Pitcher, "Lineage, Gender and Cash: Women and Cotton Production in Northern Mozambique," Paper presented at the African Studies Association Annual Meeting, Boston (1993), p.1.

⁴⁰ Instituto de Algodão de Moçambique, "Produção do Algodão por Sectores (2003/2004)," 2005.

⁴¹ Pitcher, "Lineage, Gender and Cash," p.8.

⁴² Stephanie, Urdang, "Women in Mozambique, Rural Transformation: Women in the New Society" *Africa Report*, March-April (1985), p.70.

excedentes do Sector Familiar de modo que os camponeses ganhem interesse em melhorar os rendimentos da cultura⁴³.

2.4. A importância da mulher na produção do algodão

Em relação à importância da mulher na produção de algodão é de referir que desde há muito tempo que a mulher participa activamente na produção do algodão, no entanto a maior parte dos estudos sobre a produção do algodão tendem a negligenciar os aspectos relativos à questões de “género”.

Já no período colonial com a introdução do cultivo forçado do algodão, a mulher é compelida para o trabalho forçado, obrigando a que muita vezes, se desviasse da produção para a subsistência para se dedicar exclusivamente à produção do algodão trabalhando lado a lado com os homens. Autores como Isaacman (1996) e Arlindo Chilundo (2001), referem que as políticas económicas coloniais mudaram de modo fundamental o contexto em que as relações familiares e de parentesco funcionavam em Moçambique. A produção do algodão especificamente transformou as relações entre homens e mulheres a nível das famílias, criando conflitos quanto ao papel que cada um desempenha dentro da família por um lado, e em relação ao destino dos rendimentos por outro⁴⁴.

No período colonial, apesar das mulheres terem sido consideradas as principais produtoras do algodão⁴⁵ e participarem de todas as fases de produção, em conjunto com seus maridos estas não beneficiavam de nenhuma vantagem específica. Pelo contrário, “o sistema colonial estava articulado de modo a acentuar as diferenças entre homens e mulheres na medida em que o pagamento após a produção era feito directamente aos

⁴³ Kolla Ramanaiah & A Tamele, “A Comercialização da Produção Agrícola do Sector Familiar,” *Extra*, Revista para o Desenvolvimento e Extensão Rural, 11, Setembro/Dezembro, (1992).

⁴⁴ Isaacman, *Cotton is the Mother of Poverty*, p.229; Arlindo G Chilundo, *Os Camponeses e os Caminhos de Ferro e Estradas em Nampula 1960-1961* (Maputo: Promédia, 2001), p.334.

homens sempre que possível⁴⁶. Anne Pitcher (1996) é da mesma opinião e refere que o capitalismo colonial privilegiava os homens no acesso aos recursos em relação às mulheres⁴⁷. Esta prática não mudou muito ao longo dos tempos. Actualmente, no distrito de Gorongosa, quando um casal trabalha em conjunto na machamba do algodão, quem faz a inscrição é geralmente o homem, e é este que recebe automaticamente o dinheiro da venda da produção⁴⁸.

Pitcher (1996), no seu artigo "Conflict and Cooperation..." relativo ao Posto Administrativo de Netia em Nampula, também analisa estes aspectos, e refere que, de facto, há disputas entre casais, principalmente em relação aos rendimentos provenientes da produção do algodão na família, mas que a cooperação ao invés de conflitos é crucial para o sucesso da produção a nível das famílias. Pitcher (1996), salienta que esta cooperação verifica-se mais a nível dos produtores do Sector Familiar, pelo facto da mulher ser a detentora da terra por um lado, e por ela participar activamente nas actividades que geram rendimentos por outro. Contudo, no caso dos "grandes agricultores" a mulher já não tem tanta mobilidade para decidir e até mesmo manter consigo os rendimentos familiares, por isso, Pitcher (1996) entende que é crucial para as mulheres do Norte de Moçambique a manutenção dos direitos de herança, especialmente da terra.⁴⁹

Contudo, a importância da mulher na produção do algodão é indiscutível, principalmente em relação às famílias rurais que não têm outra fonte de acumulação que não seja a produção agrícola. A mulher, no distrito de Gorongosa participa em quase todas as fases de produção do algodão contribuindo para o sustento e bem estar da sua família

⁴⁵ Isaacman, *Cotton is the Mother of Poverty*, p.16.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Pitcher, "Conflict and Cooperation," p.84.

⁴⁸ Entrevista com Mário Macheça, Gorongosa- Sede, 22 de setembro de 2004.

CAPÍTULO III

BREVE HISTORIAL DA PRODUÇÃO DO ALGODÃO NO DISTRITO DE
GORONGOSA

Após a independência em 1975, o novo governo reconheceu a importância estratégica do algodão na obtenção de divisas e tentou reverter a tendência decrescente da produção, tomando conta das instalações e facilidades deixadas pelas empresas algodoeiras coloniais⁵⁰. O desmantelamento das redes de comercialização por parte dos cantineiros, o abandono das empresas agrícolas pelos seus proprietários (colonos) e o êxodo massivo dos técnicos⁵¹, foram as principais causas da quebra da produção que se verificou neste período. Com a destruição das redes de comercialização rural, a comercialização do algodão ficou bastante afectada. Para enfrentar esta situação, o governo reorganizou os antigos Institutos de Algodão e de cereais, com a Missão do Inquérito Agrícola que tratavam respectivamente da compra do algodão-carçoço do sector familiar, do aprovisionamento de utensílios agrícolas, bem como da elaboração das estatísticas do sector agrícola⁵². Desta reorganização nasceu em finais de 1976, a Direcção Nacional de Comercialização Agrícola (DINECA) destinada a captar a produção dos Sectores Cooperativo e Familiar. A DINECA iniciou então, a criação de uma rede de postos fixos de comercialização e aprovisionamento, estabelecendo ainda pontos móveis de compra e venda de produtos⁵³. A pesar de alguns êxitos a DINECA

⁴⁹ Pitcher, "Conflict and Cooperation," p.106-108.

⁵⁰ Lemaitre et al, *Estudo do Subsector*, p.49.

⁵¹ CEA, *Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural na República Popular de Moçambique: Documento Preparado para a Conferência Mundial sobre a Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural* (Maputo:UEM/CEA, 1978), p.18; Marc Wuyts, "Nota Estatística sobre o Desenvolvimento Económico do Pós-independência em Moçambique," Texto de Apoio, Maputo: CEA (1981), p.1.; Allen Isaacman, "Historical Amnesia, or the Logic of Capital Accumulation: Cotton Production in Colonial and Post-Colonial Mozambique," *The MacArthur Interdisciplinary Program on Peace and International Cooperation*, University of Minnesota, (1996), p.13.

⁵² CEA, *Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural*, p.39.

⁵³ *Ibid.*

continuava a enfrentar problemas relacionados com a escassez de bens de consumo a serem vendidos aos camponeses, entre outros.

A produção do algodão no distrito de Gorongosa baixou entre 1975-1976 de 813 toneladas para 594 toneladas na campanha 1976-1977. Para fazer face à crise económica que se alastrava pelo País, o novo governo iniciou uma reestruturação económica, que passava pelas nacionalizações⁵⁴ à definição, em 1977, da estratégia de desenvolvimento socialista. Esta estratégia, traçada no III Congresso da Frelimo, tinha como pressupostos básicos a modernização e socialização do campo. Neste contexto, definiu-se o Sector Estatal⁵⁵ como prioritário e aquele que devia impulsionar os Sectores Cooperativo e Familiar, drenando nele cerca de 95% dos investimentos do sector agrícola. Nesta nova estratégia, o governo definiu a produção dos camponeses do Sector Familiar como atrasada e ineficiente, optando por colocar o Sector Familiar à margem do processo do desenvolvimento ora iniciado.

Nos primeiros anos da instalação das Machambas Estatais e das Cooperativas de produção, a produção do algodão no distrito voltou a subir, atingindo 1,917 toneladas na campanha 1977-1978, para registar novas quedas a partir da campanha 1981-1982, em que se produziu apenas 376 toneladas do algodão-caroto⁵⁶. Note-se que nessa altura, era a Empresa Estatal do Algodão que fazia o fomento da cultura no distrito. Apesar desse primeiro momento de sucesso, a produção do algodão do Sector Estatal continuava aquém das expectativas. A combinação de planos contraditórios, com a falta de pessoal

⁵⁴ Wuyts, *Nota Estatística*, p.1-2, e Keneth Hermele, "Guerra e Estabilização: Uma Avaliação à Médio Prazo do Programa de Reabilitação Económica de Moçambique," *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 8-9, Lisboa: IICT (1988), p.253, referem que as nacionalizações e a intervenção do Estado nos diversos sectores da economia não foi uma estratégia premeditada, mas foi sobretudo uma medida defensiva para evitar um mal pior que era o colapso total da economia. Contudo, Isaacman, "*Historical Amnesia*," p.13, refere que não foi somente para responder à saída dos europeus que a Frelimo optou por privilegiar as Empresas Estatais. Para Isaacman, esta opção constituía uma parte central da ideologia Marxista-Leninista da estratégia de desenvolvimento socialista.

⁵⁵ As Machambas Estatais seriam formadas a partir das antigas plantações abandonadas pelos colonos. Isaacman, "*Historical Amnesia*,"; Hans Abrahamsson & Anders Nilsson. *Moçambique em Transição*. Um

qualificado e a excessiva dependência em tecnologias caras e muita das vezes inadequadas, aliadas a falta de mão-de-obra⁵⁷, para trabalhar nas Machambas Estatais, fazia com que a produtividade continuasse a baixar⁵⁸. Por outro lado, os atrasos na distribuição das sementes e por vezes a falta de tratamento das mesmas, as demoras na comercialização, o que provocava a deterioração de uma parte do algodão colhido, a falta de assistência ao Sector Familiar na distribuição de insecticidas para tratar os campos de algodão, fazia com que a produção do Sector Familiar continuasse a registar níveis baixos⁵⁹.

Mesmo com dificuldades na implementação das machambas colectivas e cooperativas agrícolas o governo continuava a apostar na colectivização da produção como alternativa para a transformação do Sector Familiar. O Plano Prospectivo Indicativo (PPI) lançado em 1980⁶⁰, estabelecia que durante o ano de 1981 devia ser desencadeada a preparação da cooperativização em todas as províncias e iria decorrer até 1985. Nesta primeira etapa, devia ser alcançada a transformação do Sector Familiar em Sector Cooperativo⁶¹. Nos primeiros três anos da década de 1980, foi notório o crescimento da produção do algodão do Sector Estatal a nível nacional, e maior a aderência dos camponeses ao cooperativismo. Durante este período, a média da

Estudo da História do Desenvolvimento durante o Período 1974-1992 (Tradução de Dulce Leiria, Maputo: Padrigu/CEEI-ISRI, 1994), p.38.

⁵⁶ Instituto de Algodão de Moçambique, *Evolução do Algodão-Caroço*.

⁵⁷ Enquanto a mecanização reduzia o número de trabalhadores para semear o algodão, a colheita ainda continuava a ser feita manualmente, e o estado confrontava-se com a falta de mão-de-obra para trabalhar nas machambas, pois os camponeses recusavam-se a colher o algodão nas empresas estatais, antes de o fazerem nas suas próprias machambas. Para mais detalhes veja Isaacman, "Historical Amnesia," p.13-14.

⁵⁸ Isaacman, "Historical Amnesia," p.13.

⁵⁹ Anne Pitcher, "Disruption Without Transformation: Agrarian Relations and Livelihoods in Nampula Province, Mozambique 1975-1995," *Journal of Southern African Studies*, 24, nr.1 (1998), p.125; CEA, *A Transformação da Agricultura Familiar na Província de Nampula* (Maputo, 1986), p.49-51.

⁶⁰ Neste ano, o governo extingue o Instituto do Algodão e cria em seu lugar o Gabinete do Secretário do Estado do Algodão, que é substituído em 1983 pela Secretaria do Estado do Algodão, que passa a coordenar o fomento, o aprovisionamento e a comercialização do algodão nas Empresas Estatais e Cooperativas de produção, bem como a investigação científica. Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique," p.3.

⁶¹ Maria Helena Monteiro, *O Sector Familiar e a Produção de Algodão entre 1960-1994* (Tese, Licenciatura em História, Faculdade de Letras-UEM, 2001), p.45.

produção do Sector Estatal situou-se em 48%, tendo o Sector Familiar registado uma média de 45% e o Sector Privado 7%⁶². No entanto, o ímpeto verificado no início da década de 80 foi se quebrando lentamente com o recrudescimento do conflito armado, aliado aos problemas de má gestão das empresas Estatais, e a deslocação das populações das zonas algodoeiras, além da destruição do parque industrial. Como resultado destas acções, o País viria a conhecer a produção mais baixa dos últimos 50 anos na campanha 1984-1985, tendo produzido apenas 5.200 toneladas, contrariando o pico máximo atingido na campanha 1973-1974, de 144.061 toneladas de algodão caroço.

No distrito de Gorongosa a partir dos primeiros anos da década de 1980 o algodão registou uma drástica redução dos níveis de produção, culminando no desaparecimento total da produção a partir da campanha 1985-1986⁶³, como mostra a tabela que se segue:

Tabela 2. A produção do algodão-caróço no distrito de Gorongosa (1975-1985)

Campanhas	Produção (toneladas)
1975-1976	831
1976-1977	594
1977-1978	1,917
1978-1979	996
1979-1980	1,772
1980-1981	1,936
1981-1982	376
1982-1983	201
1983-1984	156
1984-1985	64

Fonte: Adaptado, Instituto do Algodão de Moçambique, "Produção do algodão-caróço na Província de Sofala de 1975-2005"

Como se pode observar, a produção do algodão no distrito de Gorongosa nos meados da década de 1980 é quase inexistente. O fracasso do Sector Estatal aliado à fraca gestão, a inacessibilidade da produção camponesa ao mercado e a falta de

⁶² IAM, Departamento de Estudos e Projectos, "Compacto Estatístico 1931-2000: Evolução da Produção do Algodão em Moçambique," 2000.

incentivo do Sector Cooperativo levaram ao insucesso de toda a política agrícola⁶⁴. Todo o esforço de modernização e investimento não havia contemplado o Sector Familiar e o Cooperativo. Por outro lado, as Aldeias Comunais⁶⁵ - consideradas como elemento nuclear da estratégia de desenvolvimento para o sector agrícola⁶⁶, ao contrário dos centros de atracção tornaram-se em locais de coerção e resistência por vários motivos entre os quais, escassez de terras férteis, longas distâncias entre a residência e a machamba, água entre outros.⁶⁷

Todos estes factores foram alvo de críticas durante o IV Congresso da Frelimo em Abril de 1983. Neste Congresso, decidiu-se que se devia mobilizar meios e recursos, garantindo a comercialização e o escoamento atempado da produção, proporcionando um apoio eficaz ao camponês do Sector Familiar, que o levasse a aumentar a produção e a dedicar o melhor do seu esforço e tempo nesta actividade⁶⁸. Nessa altura, o governo começou a estimular o aumento da produção capitalista, liberalizando a actividade comercial, os preços de muitos produtos agrícolas e manufacturados⁶⁹. No entanto, por volta de 1986, a produção do algodão baixou para menos de 10.000 toneladas. A má administração das Empresas Estatais, a oposição às Aldeias Comunais, a falta de bens

⁶³ Este desaparecimento justifica-se por um lado, pelo recrudescimento da guerra entre o governo e a Renamo e por outro pela falta de dados estatísticos relativos à produção nesse período.

⁶⁴ William Minter, *Os Contra do Apartheid: As Raízes da Guerra em Angola e Moçambique* (Maputo: AHM, 1998), p.342-364.

⁶⁵ O processo de instalação das Aldeias Comunais esteve sujeito a inúmeras irregularidades e a sua implementação não seguiu critérios uniformes. O plano inicial de agrupar as populações rurais em novas comunidades, onde os serviços úteis seriam garantidos nem sempre aconteceu. Muitas aldeias situavam-se longe dos pontos de água e não chegaram a beneficiar de infraestruturas. Para mais detalhes sobre as Aldeias Comunais veja João P.Borges Coelho, "Protected Villages and Communal Villages in the Mozambican Province of Tete (1968-1982): A History of State Resettlement Policies, Development and War", (Thesis. Ph D. University of Bradford: Department of Social and Economic Studies, 1993); CEA, *Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural*, p.19-35; Casal, "A Crise da Produção familiar," pp.157-191.

⁶⁶ Yussuf Adam, *Escapar aos Dentes do Crocodilo e Cair na Boca do Leopardo: Trajectória de Moçambique Pós-Colonial 1975-1990* (Maputo: Promédia, 2006), p.118-119.

⁶⁷ Hermele, "A Guerra e a Estabilização," p.254; Minter, *Os Contra do Apartheid*, p.349.

⁶⁸ Partido Frelimo, Documentos do IV congresso da Frelimo, *Directivas Económicas e Sociais* (Maputo: Colecção IV Congresso, 1983), p.26.

⁶⁹ Prakash Ratilal, *Enfrentar o Desafio: Utilizar a Ajuda para Terminar a Emergência* (Maputo: Globo, S/d); Otto Roesch, "Reforma Económica em Moçambique: notas sobre a Estabilização, a Guerra e a Formação de Classes," *Arquivo* 11, (1992).

de consumo nas zonas rurais, e a guerra que afectava principalmente as unidades de produção, fizeram com que a produção do algodão do Sector Familiar baixasse⁷⁰.

Em 1987, e como imposição do Banco Mundial⁷¹, o Estado é obrigado a implementar um programa de Reajustamento Estrutural, destinado a reorientar a economia, de modo a operar de acordo com os princípios do mercado, a reduzir a intervenção do estado e a re-introduzir eficiência no sistema⁷². Neste contexto, o Estado começou a vender as Empresas Estatais formando imensas companhias mistas (Joint Venture Companies) e privadas que de um modo geral vieram dar uma outra dinâmica no incremento da produção do algodão no País, pois, para além da produção própria passaram a fomentar junto dos pequenos agricultores⁷³. Com a sua criação, as Joint Venture's foram absorvendo grande parte da mão-de-obra do Sector Estatal e Cooperativo que, paulatinamente foi se extinguindo, acto que veio a consumir-se nos anos 1990-1992. Paralelamente a estas mudanças, e com o objectivo de reconstruir o campo, o governo desenvolve uma nova política nas zonas rurais, o Programa dos Distritos Prioritários(PDP). Este programa tinha como objectivo numa primeira fase, canalizar os recursos financeiros à 40 distritos onde as condições económicas, militares e climáticas apresentavam melhores oportunidades de resultados positivos. Neste contexto, o distrito de Gorongosa não foi contemplado⁷⁴.

⁷⁰ Isaacman, "Historical Amnesia," p.14.

⁷¹ O Programa de Reabilitação Económica (PRE) foi introduzido em Janeiro de 1987 e convertido em Programa de Reabilitação Económica e Social (PRES) em 1990, como resultado da adesão de Moçambique ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial em 1984. O PRE tinha como objectivos inverter o declínio da produção e restaurar um nível de produção e de consumo e rendimentos para toda a população, reduzir os desequilíbrios financeiros internos e fortalecer as reservas e as contas externas, aumentar a eficiência e criar as condições para o retorno aos níveis mais elevados de crescimento económico, reintegrar os mercados oficial e paralelos e restaurar metodicamente as relações financeiras com parceiros e credores comerciais. Hermele, "A Guerra e a Estabilização," p.262; Abrahamsson & Nilsson, *Moçambique em Transição*, p.49; Anne Pitcher, "Recreating Colonialism or Reconstructing the State? Privatization and Politics in Mozambique," *Journal of Southern African Studies*, 22, nr. 1 March (1996), p.53.

⁷² Pitcher, "Recreating Colonialism," p.53; Isaacman, "Historical Amnesia," p.16.

⁷³ IAM, "Compacto Estatístico 1931-2000," p.8.

⁷⁴ Pitcher, "Disruption Without Transformation," p.131; Abrahamsson & Nilsson, *Moçambique em Transição*, pp.243-244.

CAPÍTULO IV

A PRODUÇÃO DO ALGODÃO NO SECTOR FAMILIAR NO DISTRITO DE GORONGOSA DE 1995-2005

4.1. A produção do algodão no sector familiar no distrito de Gorongosa

O fim da Guerra dos 16 anos e a consequente assinatura do Acordo Geral de Paz em Outubro de 1992, criou condições para o retorno das populações deslocadas às suas zonas de origem. Com a extinção da SEA e a criação em 1991 do Instituto do Algodão de Moçambique, o governo intensificou as concessões tanto para as JVC's como para as empresas privadas, começando assim uma nova fase de relançamento do algodão em Moçambique⁷⁵.

Este programa, iniciado em 1995, tinha como objectivo re-introduzir a produção do algodão em zonas outrora abandonadas devido ao conflito armado, com o destaque para as regiões Norte e Centro, detentoras de cerca de 95% da produção total do País⁷⁶. Em duas campanhas agrícolas (1995/1996 e 1996/1997), a cultura do algodão foi relançada em 76 distritos de Moçambique⁷⁷. É neste contexto que o distrito de Gorongosa, volta a produzir o algodão. É de salientar que nas 2 primeiras campanhas, havia no distrito de Gorongosa a produção por Sectores: Familiar, Empresarial e Médio Privado. Mas a partir de 1998 o Sector Familiar passou a ser o único sector de produção do algodão, produzindo exclusivamente para a CNA⁷⁸.

O distrito de Gorongosa localiza-se naquilo que é hoje zona de influência da CNA. Esta companhia foi criada em 1996⁷⁹. O contracto inicial de concessão entre o

⁷⁵ Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique," p.4; IAM, DEP, "Compacto Estatístico," p.8; Ofiço, &Tschirley, "An Overview of The Cotton," p.4.

⁷⁶ IAM, DEP, "Compacto Estatístico," p.8.

⁷⁷ Mahalambe, "Indústria do Algodão em Moçambique," p.4-5.

⁷⁸ Entrevista com José Dambiro, Cidade da Beira, 21 de Setembro de 2004.

⁷⁹ A Companhia Nacional Algodoeira é uma companhia privada com dois accionistas principais: a Sociedade Algodoeira Franco Portuguesa, que detém 73% das acções e a Moçambique Industrial detentora de 20%. A primeira é uma empresa mista entre a DAGRIS (50%) e o Grupo Entrepósito(50%) Ofiço, &Tschirley, "An Overview of The Cotton," p.16.

governo e a CNA era de 20 anos, mas uma emenda modificou a duração da concessão de 20 para 5 anos, renováveis por período de 2 anos mediante acordo tácito. A zona de intervenção da CNA inclui as províncias de Manica (distritos de Gondola, Machaze Manica e Sussundenga) e Sofala (distritos de Buzi, Caia, Chemba, Cheringoma Chibabava, Gorongosa, Maríngue, e Nhamatanda)⁸⁰.

No âmbito do fomento, a CNA deve garantir assistência técnica aos camponeses do Sector Familiar, fornecer insumos de produção e garantir a comercialização assídua do algodão; aliás, a CNA goza de direitos de exclusividade na compra do algodão dentro da sua zona de concessão. É de realçar que este tipo de monopsonio foi sempre criticado e considerado factor de estagnação das forças do mercado livre no algodão⁸¹.

Com o relançamento da cultura do algodão a partir de 1995, foi notória a subida da produção global do algodão, tendo o País atingido na campanha 1998/1999 a cifra de 116.716 toneladas, a maior após a independência.

No distrito de Gorongosa, a produção do algodão do Sector Familiar voltou a registar subidas significativas. Vários factores estiveram na origem deste fenómeno, nomeadamente, a estabilidade política que se verificou após o término da guerra em 1992 e o conseqüente retorno dos camponeses às suas zonas de origem⁸²; o aumento dos rendimentos causados pelo aumento de áreas cultivadas; o aumento do preço do algodão-carço que constituiu um grande estímulo para o aumento da produção e o restabelecimento das redes de comercialização⁸³. A tabela que se segue mostra a evolução da produção do algodão no distrito desde o relançamento até a campanha 2004/2005.

⁸⁰ Lemaitrê et al, *Estudo do Subsector*, p.150.

⁸¹ Mahalambe, "*Indústria do Algodão em Moçambique*," p.4.

⁸² Lemaitrê et al, *Estudo do Subsector*, p.150.

⁸³ Fok, *O Subsector Algodoeiro em Moçambique*, p.24.

Tabela 3. Evolução da Produção do algodão-carço no distrito de Gorongosa (1996/2005)

Campanhas	Evolução do nrde Agricultores	Evolução das Áreas	Evolução dos Rendimentos (kg/há)	Evolução da Produção do algodão(ton)
1996-1997	-	-	-	115.258
1997-1998	710	490.50	351	172.248
1998-1999	987	569.50	439	250.270
1999-2000	847	510.75	677	345.769
2000-2001	1431	820.25	707	580.310
2001-2002	1473	906.00	1086	983.907
2002-2003	1635	1028.75	999	1.027.384
2003-2004	3543	2064.00	838	1.729.607
2004-2005	5471	2832.25	841	2.383.124

Fonte: CNA, Evolução da Produção do Algodão-carço no distrito de Gorongosa

A fraca produção obtida entre a campanha 1997/98 a 1999/00 atribui-se às cheias e inundações que devastaram parcialmente as áreas de algodão da província de Sofala e a queda acentuada do preço do algodão no mercado internacional, que fez com que muitos camponeses se retraíssem optando por culturas alimentares em detrimento do algodão⁸⁴. Outro aspecto tem a ver com o facto do retorno dos refugiados no distrito ter se dado inicialmente de forma tímida, tendo aumentado à medida que a paz ia se tornando realidade⁸⁵. De acordo com os nossos entrevistados, a questão da insegurança por parte da população do distrito, fez com que só a partir da campanha 2000/2001, os camponeses começassem a aderir em massa à produção do algodão no distrito. E é por estas alturas que começam a surgir, ainda que em número reduzido, as mulheres inscritas na CNA. De acordo com o director geral da CNA, este grupo de mulheres era composto maioritariamente por mulheres solteiras e viúvas.

O retorno ao sistema de concessões, e a posterior fase do relançamento, contribuiu para o restabelecimento da produção do algodão no distrito de Gorongosa, gerando emprego à milhares de agregados familiares nas zonas rurais. A CNA através

⁸⁴ IAM, "Compacto Estatístico 1931-2000," p.9.

⁸⁵ Lemaitrê et al, *Estudo do Subsector*, p.150

do financiamento da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD), injectou capitais avultados e reabilitou as fábricas de descaroçamento do algodão existente na província⁸⁶. De certa forma podemos considerar que os camponeses saíram beneficiados com a re-introdução do sistema de concessões pois, estes passaram a ter um mercado certo para a venda do algodão. No entanto, o facto da CNA ser a única concessionária no distrito de Gorongosa, faz com que os camponeses do Sector Familiar não tenham muita margem de manobra em relação aos seus interesses e tenham que aceitar frequentemente certos “desmandos⁸⁷” Por parte da companhia.

A CNA detém um monopólio completo sobre a produção do algodão do sector familiar. É ela quem distribui as sementes, os insumos agrícolas e organiza ao mesmo tempo os mercados, determina a qualidade do algodão produzido pelos camponeses, que de acordo com Monteiro⁸⁸, é uma tarefa que cabe ao IAM, mas que na prática não exerce por deparar-se com a falta de meios técnicos.

De acordo com os nossos entrevistados, o grande constrangimento que os camponeses enfrentam tem a ver com o sistema de classificação do algodão que, segundo eles, é feito pelos agentes da CNA. Os membros da DDADR geralmente presidem as sessões de comercialização, no entanto na hora da classificação é o próprio agente que determina o preço, quem escolha a qualidade do algodão produzido. Este aspecto tem criado descontentamento no seio dos camponeses, que já ameaçaram por muitas vezes desistir da cultura. E se tratando do distrito de Gorongosa, onde há

⁸⁶ Ibid, p 151.

⁸⁷ Estes desmandos geralmente tem a ver com os métodos adoptados pela companhia na hora da distribuição dos insumos e na hora do pagamento da produção, pois é neste preciso momento em que as divergências entre produtores e compradores surgem. É de referir que este é um processo onde todos querem ganhar e como tal as confusões são frequentes. No entanto os camponeses tem se queixado de não haver informação sobre o preço dos insumos a debitar logo no início, quando o produto é entregue, só sendo informados na altura da comercialização quando o desconto acontece. Entrevistas com Paulina Esteve, Vaida Katique e Zelinha João, Gorongosa-Sede, 22 de Setembro de 2004.

⁸⁸ Monteiro, *O Sector Familiar*, p.64.

potencialidades de se desenvolver qualquer tipo de culturas, convém que a CNA reveja os seus métodos se pretende fomentar a cultura do algodão por mais tempo no distrito.

De um modo geral, podemos concluir que o retorno ao sistema de concessões proporcionou postos de emprego à centenas de famílias no distrito. Estes rendimentos em dinheiro possibilitam ao camponês a compra de bens essenciais de uso e consumo e nalguns casos até, a compra de bicicletas, gado etc. Contudo, este retorno não trouxe grandes alterações nas condições de trabalho dos camponeses do Sector Familiar que hoje contribuem com 99% da produção do algodão a nível nacional. Estes continuam a recorrer a técnicas rudimentares de produção, fazendo com que os rendimentos da produção continuem a registar níveis baixos.

4.2. Características da produção do algodão do Sector Familiar

A produção do algodão no distrito de Gorongosa é levada a cabo por membros de um mesmo agregado familiar. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, "Agregado Familiar" é o conjunto de pessoas ligadas ou não por laços sanguíneos, vivendo normalmente sobre o mesmo "tecto" e comendo da mesma "panela" em regime de comunhão de vida⁸⁹.

Os camponeses do Sector Familiar no distrito, utilizam instrumentos de trabalho de baixo custo como é o caso de enxadas, machados e catanas. A força de trabalho provém da própria família e a produção que se obtém, é na maioria dos casos para o autoconsumo, vendendo por vezes os excedentes de produção⁹⁰. As áreas agrícolas são preparadas manualmente e a vegetação é queimada. Em geral, os camponeses não utilizam fertilizantes, nem pesticidas de qualquer espécie, a não ser que as empresas

⁸⁹ Instituto Nacional de Estatística e Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural, *Censo Agropecuário 1999-2000, Apresentação sumária dos Resultados*, Maputo, 2001, p.9.

privadas fomentem esse tipo de práticas, como é o caso da CNA, no que diz respeito à produção do algodão. O Sector Familiar cultiva em forma de consociações, na quais espaços entre culturas e entre linhas nem sempre obedecem as exigências da cultura ou da variedade que se pratica.

A época agrícola que se considera para a produção do algodão começa no mês de setembro, mês de preparação dos terrenos e termina no mês de junho, altura da colheita. O algodão no distrito cultiva-se em conjunto com as culturas alimentares. Tanto homens como mulheres participam na produção de culturas alimentares, bem como das de rendimento pois, culturas alimentares como o milho, a mapira e a mexoeira são consideradas as principais culturas comercializadas pelas famílias, portanto não há uma distinção com base no género na produção de culturas no distrito.

Em relação aos meios de produção, a CNA fornece aos camponeses do Sector Familiar sementes e insumos agrícolas tais como fertilizantes (raramente) e pesticidas para melhorar a qualidade do algodão. As sementes são fornecidas a custo zero mas os fertilizantes e os pesticidas são fornecidos na base de crédito. No fim da campanha, na altura da comercialização, a CNA debita no valor total da venda do algodão de cada camponês a parte do crédito concedido em insumos para os cuidados do algodão.

Para o fomento do algodão no distrito de Gorongosa, a CNA conta com a ajuda dos seus monitores⁹¹, dos agentes extensionistas da DDADR, que monitoram as diversas fases de produção; conta ainda com as autoridades tradicionais que prestam ajuda através da distribuição de lotes de terra para produção e da sensibilização da população no sentido de aderirem à produção do algodão como forma de melhorarem o seu rendimento familiar.

⁹⁰ Jane I. Guyer, *Households and Community in African Studies*, *African Studies Review*, 24, nr.2/3 (1981), p.89, define a família como uma unidade doméstica com autonomia para decidir sobre a sua produção e consumo; Administração do Distrito de Gorongosa, *Plano Estratégico Distrital*.

Os agregados familiares têm uma média de 2.90 hectares, que podem variar de acordo com o tamanho da família. Em geral, famílias com menos de 3 pessoas e chefiadas por mulheres, ocupam em média 1.5 hectares, enquanto que famílias com mais de 6 membros e chefiadas por homens ocupam em média 4 hectares⁹².

A divisão das parcelas é feita pelo homem, e quando este tem mais de uma mulher, como geralmente acontece em Gorongosa, entrega cerca de meio hectare a cada uma, para a produção do algodão.

Na machamba do algodão grande parte do trabalho recai sobre a mulher. O homem quando vai, é somente para a abertura do terreno e para fazer as pulverizações. As mulheres geralmente trabalham sem ajuda dos seus maridos⁹³, recorrendo a força de trabalho adicional sempre que necessário: *Sempre fazemos o trabalho sozinhas, desde a sementeira até à colheita nas nossas machambas. As vezes temos ajuda das nossas filhas ou temos alugado a mão-de-obra de fora, pagando para sermos ajudadas*⁹⁴.

A maioria das mulheres no distrito, recorre ao sistema de *ajuda mútua* e ao sistema de *ganho-ganho*⁹⁵. É de referir que neste sistema, não há distinção de sexo, tanto homens como mulheres aderem ao *ganho-ganho*. Questionadas sobre a forma de pagamento desta mão-de-obra adicional, as mulheres afirmam que levam o dinheiro da produção da mapira ou do milho e pagam as pessoas que ajudam na machamba do algodão. Outros referem que pagam em espécies como é o caso de bananas que são posteriormente comercializadas.

⁹¹ No período colonial, os monitores eram designados capatazes, portanto têm a mesma função, que é de acompanhar os camponeses, em todas as fases de produção.

⁹² Administração do Distrito de Gorongosa, *Plano Estratégico*, p 21.

⁹³ No entanto quando se trata da machamba do marido, é obrigação da mulher ajudar.

⁹⁴ Entrevista colectiva, Gorongosa-sede, 22 de Setembro de 2004.

⁹⁵ *Ajuda Mútua* geralmente refere-se a um tipo de ajuda onde as mulheres fazem comida e chamam jovens e crianças para ajudar na colheita em troca de comida. *Ganho-ganho* é outro tipo de ajuda, onde se emprega um grande número de camponeses geralmente em períodos de grande pico na produção agrícola. É de ressaltar que o emprego desta força de trabalho é feito numa base diária, ou seja, os camponeses recebem o dinheiro da sua produção no fim de cada dia de trabalho. Para mais detalhes sobre estas formas



Fig. 4.1 – Colheita do Algodão

Questionadas sobre a forma como dividem o tempo entre as actividades domésticas e o trabalho na machamba de algodão e de culturas alimentares as mulheres afirmam que, geralmente vem-se em situações de num mesmo dia terem de ir a todas as machambas, embora algumas prefiram trabalhar alternadamente, indo num dia ou durante uma semana para a machamba de culturas alimentares, e noutro para a machamba de algodão. Cerca de 99% das mulheres entrevistadas referiu que as machambas estão próximas às suas casas. Estas, passam todo o período da manhã nas machambas e só param às 12 horas, para preparar as refeições, cuidar das crianças e das actividades do lar. Depois das refeições retornam às machambas e só regressam à casa no fim do dia. As crianças menores ficam ao cuidado das filhas relativamente mais velhas.

Em relação ao destino da produção, o algodão é produzido exclusivamente para a comercialização. Não existe nenhuma indústria têxtil no distrito que absorva a produção do algodão. Portanto, todo algodão produzido é vendido à CNA que posteriormente exporta para o estrangeiro.

A CNA, tal como as outras concessionárias, tem a responsabilidade de organizar os mercados, fornecer a sacaria e organizar a comercialização. Após a colheita, os

de ajuda veja Zimba, "Identidade Feminina," p.40 e Benigna, Zimba, *Women & Cotton Production in*

camponeses levam o algodão para o mercado estabelecido pela CNA, geralmente um local acessível em termos de vias de acesso para os agentes da companhia, devendo este situar-se num raio máximo de 10 km em relação à residência dos camponeses. Estes 10 km em termos de distância, significa que os camponeses têm que percorrer mais ou menos duas horas, das suas residências aos mercados de algodão⁹⁶. Isso tem criado vários constrangimentos aos camponeses, uma vez que têm que carregar o algodão á cabeça⁹⁷. Esta distância, explica-se pelo facto da zona de concessão da CNA, caracterizar-se por uma dispersão do povoamento rural provocado pelo regresso dos produtores às suas terras, aquando do término da guerra. Esta dispersão por sua vez faz com que não haja no distrito de Gorongosa associações de produtores de algodão, o que deixa os produtores numa posição fragilizada uma vez que têm que lutar individualmente pelos seus interesses.

Em relação aos rendimentos provenientes da produção, os agregados familiares são unânimes em considerar que o algodão é extremamente importante para o aumento da renda familiar e que constitui uma das principais fontes de acumulação das famílias. Contudo, a produção do algodão no distrito tem tido pouca expressão pelo facto das famílias preferirem as culturas alimentares pois, tratando-se do Sector Familiar, existe sempre o problema de insegurança alimentar⁹⁸. Mas a insegurança alimentar não é o único entrave à fraca produção do algodão no distrito. As vias de acesso que ligam as

Mozambique, (A project of EJA FOCCISA and Christian Aid/ CCM, 2004, p.15.

⁹⁶O Mercado do algodão é geralmente estabelecido na casa dos régulos ou de uma pessoa influente na zona. Um dos pré-requisitos básicos para a instalação de um mercado, é a existência de um número satisfatório de camponeses no local (15 a 20), o somatório da área tem que ser no mínimo de 15 hectares e o mais importante, deve ser um local de fácil acesso para os agentes da companhia. Do total dos 135 mercados estabelecidos na campanha 2004-2005, não existe em todo o distrito, um mercado localizado na casa de uma mulher. Entrevista com Marcos Massa, Gorongosa-Sede, 24 de Maio de 2006.

⁹⁷ Os agentes da CNA reclamam por sua vez que não podem andar de casa em casa a recolher o algodão produzido pelos camponeses porque isso acarreta custos elevados em termos de transporte, pois grande parte dos camponeses vivem isolados.

⁹⁸ Segurança Alimentar é o acesso físico e económico permanente por todos os indivíduos do agregado familiar, em todos os tempos à uma alimentação suficiente para poder sustentar uma vida activa e saudável. Ministério do Plano e Finanças, Direcção Nacional do Plano e Orçamento, *Glossário*, Departamento da População e Desenvolvimento Social, 1998.

estradas principais ao interior estão totalmente destruídas o que dificulta o escoamento dos produtos dessas zonas. Esse aspecto faz com os camponeses não se sintam encorajados a produzir. No entanto, apesar destes constrangimentos, os camponeses afirmam que não podem deixar de produzir o algodão pois esta é uma cultura de rendimento muito importante no distrito, e há exemplos de famílias que prosperaram a partir da produção do algodão, como refere o depoimento que se segue:

Nós temos muitas histórias do algodão, o algodão está mudando a vida das pessoas.

Compram chapas, constroem casas compram carros, quer dizer há muito dinheiro.

Com a venda do algodão ficamos com um dinheiro que não podíamos ter com a venda do milho. Aqui cada campanha é uma mulher, ou duas para ajudar no trabalho⁹⁹.

Apesar do optimismo em relação às possibilidades que o algodão como cultura de rendimento pode proporcionar às famílias camponesas, o distrito como um todo continua a reservar uma pequena extensão de terra para o seu cultivo, factor que vem condicionando o seu quarto lugar no ranking da produção a nível da província. Dados sobre a produção do algodão-carço da província de Sofala mostram que, desde a altura da independência até ao meados da década de 80, a produção do algodão do distrito manteve-se regular estando o distrito em segundo lugar a seguir ao distrito de Búzi¹⁰⁰. Após o intervalo, que se verificou entre 1985 e 1995, a produção do algodão no distrito baixou consideravelmente, tendo esta se situado regularmente na quarta posição, estando Maríngue em primeiro lugar, seguido de Chemba e Caia a disputarem o segundo e terceiro lugares respectivamente. Esta situação só foi alterada na campanha 2004/2005, altura em que o distrito atingiu o segundo lugar a seguir à Maríngue. Apesar de se situar na quarta posição em relação aos distritos de Maríngue, Chemba e Caia, o distrito de Gorongosa tem a particularidade de apresentar um rendimento por hectare

⁹⁹ Ao referir que cada campanha é uma mulher, o nosso entrevistado referiu que quanto maior for o lucro do algodão, maior é a vontade de aumentar a extensão de terra a cultivar e daí a necessidade de casar mais

maior, só perdendo em termos de área cultivada. A grande diferença que existe entre Maríngue e Gorongosa, é que Gorongosa tem pequenas áreas para produzir algodão, enquanto que Maríngue possui grandes áreas reservadas somente à produção de algodão. Acreditamos que o distrito de Gorongosa pode conquistar um lugar de destaque à nível da província aumentando as suas áreas de cultivo, pois muitas das famílias que ainda não produzem o algodão mostraram-se impressionadas com o resultado obtido pelas famílias que produzem o algodão no distrito.

mulheres para o ajudar a trabalhar nas suas machambas. Entrevista com Mário Macheça, Gorongosa-Sede, 22 de Setembro de 2004
¹⁰⁰ potencial produtor na altura.

3.3. O Impacto da guerra dos 16 anos na produção do algodão¹⁰¹

A guerra dos 16 anos entre o Governo e a Renamo¹⁰² que se iniciou logo a seguir a independência em 1975, teve um impacto devastador sobre a população em Moçambique. Em 1980, a guerra atingia parcialmente as província de Manica e Sofala e foi se alastrando a outras províncias até atingir em 1988, praticamente todo o País. Esta situação provocou uma grande desestabilização, da qual resultou na deslocação de centenas de milhares de pessoas dos seus locais de residência para outros pontos do País e para o estrangeiro, provocando uma rápida desestruturação das instituições familiares¹⁰³. De acordo com Fernando Manjate¹⁰⁴, a província de Sofala faz parte das quatro províncias da zona Centro mais afectadas pela guerra dos 16 anos terminada em 1992. Três quartos do território desta província estiveram directamente afectados pela guerra. Aqui, do total dos 1242 cidadãos, 597 estavam fora do controlo do governo, o que significa que 48% da população da província, estava sob influência da Renamo¹⁰⁵.

¹⁰¹ Com este sub-capítulo, pretendemos apenas mostrar como a guerra influenciou negativamente a produção do algodão no distrito, não pretendemos de forma alguma discutir as origens da guerra e nem as diversas teorias que a suportam. Portanto, para mais detalhes sobre a guerra veja as seguintes obras: Mark Chingono, *The State, Violence and Development: The Political Economy of War in Mozambique, 1975-1992* (London: Avebury, 1996); Otto Roesch, "Peasants, War and Tradition in Central Mozambique," Ontario: Trent University, Department of Anthropology (1993); Minter, *Os Contra do Apartheid*, 1998; Abrahamsson & Nilsson, *Moçambique em Transição*, 1994; Joseph Hanlon, *A Causa das Armas*; e Roberto Morozzo Della Roca, *Moçambique da Guerra à paz, História de uma Mediação insólita* (Tradução de Brazão Mazula, Maputo: Livraria Universitária, 1998).

¹⁰² A organização, outrora chamada 'África Livre', presentemente conhecida por Renamo, RNM ou MNR, foi desenvolvida pelos serviços secretos rodesianos, em retaliação pelo apoio de Moçambique à luta de libertação do povo do Zimbabwe. Com a iminência da independência do Zimbabwe, o Departamento da contra inteligência militar da África do Sul, em inícios de 1980, recebeu este grupo das mãos dos rodesianos, tendo os reforçado e modernizado. Moçambique foi então submetido a uma sistemática guerra não declarada e de grande envergadura, caracterizada por acções de agressão e de desestabilização, conduzidas directamente pelas forças armadas sul-africanas ou por grupos terroristas por elas armados. Estes grupos tinham por objectivo a destruição de estradas e pontes, de centros de comunicação e de produção de energia, de infra-estruturas portuárias e ferroviárias, de meios de transporte rodoviários e ferroviários, a devastação de áreas de produção agrícola, a propagação do terror e da insegurança nas populações entre outros. Ratilal, *Enfrentar o Desafio*, pp.42-43; Hans Abrahamsson and Anders Nilsson. *Mozambique: the Troubled Transition, From Socialist Construction to Free Market Capitalism*. (London: Zed Books, 1995), Roesch, "Peasants, War and Tradition."

¹⁰³ Fernando Manjate, *O Impacto Social do HIV/SIDA nas Famílias da Cidade da Beira* (Tese Licenciatura em História, Faculdade de Letras-UEM, 2001), p.15.

¹⁰⁴ *Ibid*, p.15.

¹⁰⁵ Estes indicadores foram estimados para avaliar a extensão das actividades da Renamo no País, e referem-se ao número de indivíduos sob o controle do governo ou ao número de Indivíduos com quem o

Contudo, Roesch, refere que, se a área controlada pela Renamo era grande, o número da população não era, pois, historicamente, as províncias de Sofala e Manica apresentam uma baixa densidade populacional, e alia este facto ao grande despovoamento que estas províncias sofreram no decurso da guerra, para concluir que a Renamo não controlou efectivamente mais do que 20% dos aproximadamente 1.7 milhões de habitantes que viviam nas províncias de Manica e Sofala¹⁰⁶.

À par do número de indivíduos que estavam sob o controlo do governo ou da Renamo, está o carácter desumano que esta guerra tomou. Em Gorongosa, considerada a base central da Renamo, a guerra atingiu um nível de violência tal, que as torturas, as humilhações e os assassinios às populações capturadas e locais tornaram-se prática corrente¹⁰⁷. J. Khossa no seu artigo "Gorongosa: a Bestialização do Homem ou o Regresso ao Australopithecus", recolheu diversos depoimentos que mostram a condição desumana em que se encontravam as populações quer oriundas de Gorongosa, quer capturadas para lá:

Os bandidos armados ao chegarem à minha povoação queimaram casas e mataram pessoas. Depois reuniram parte da população e disseram que queriam comidas e raparigas, mataram todos aqueles que se recusaram a entregar-lhes comida e raparigas. Levaram as raparigas à força para as suas bases e levaram-nos a nós também. Na base as raparigas eram maltratadas mais do que nós homens, cada rapariga era mulher de muitos bandidos. A nós os novos na base obrigavam-nos a manter relações com os

estado teve contacto no interior do território por cada cem indivíduos existentes em cada província. Para mais detalhes veja: Adam, *Escapar aos Dentes do Crocodilo*, p.146-147.

¹⁰⁶ Roesch, "Peasants, War and Tradition," p.10.

¹⁰⁷ Na província de Sofala, existe uma clara divisão entre os que apoiam a Frelimo e os que apoiam a Renamo e esta situação remonta a vários anos. Na altura da instalação das aldeias comunais, após a independência, a Frelimo perdeu grande parte do apoio que tinha das populações nesta província, tal como aconteceu nas outras partes do País. A Renamo soube aproveitar-se da estratégia mal sucedida da Frelimo e atraiu grande parte da população camponesa, na sua propaganda contra as aldeias comunais. No entanto, e principalmente, nas áreas em que a Renamo controlava, esta aliança não durou, pois, a Renamo instituiu uma economia de tributação da produção camponesa para financiar a sua guerra contra o governo, o que provocou um grande descontentamento entre os camponeses. Esta situação fez-se sentir com mais profundidade no distrito de Gorongosa onde a população é maioritariamente Sena. Roesch, *Peasants, War and Tradition*, p.12.

nossos familiares, irmãos ou tias. Muitos foram mortos porque se recusaram a obedecer¹⁰⁸.

Outro depoimento que nos elucida sobre o grau de violência refere que Tiravam-nos toda a roupa que era para não fugirmos. Homens, mulheres, filhas e mães ficávamos ali só com cascas de árvores no corpo, e para fugirmos às imagens iníquas da nudez das nossas noras, filhas e esposas, passávamos o dia no mato só voltando à casa à noite.

Abrahamsson & Nilsson¹⁰⁹ secundando os depoimentos acima referidos, salientam que este tipo de desestabilização, dirigiu-se também contra a rede social da sociedade, pondo irmãos contra irmãos, filhos contra pais e a cidade contra o campo, numa cadeia de violência anormal, que ultrapassou todas as regras do comportamento humano. A história da dona Rosita confirma esta asserção:

Esta guerra foi muito má para mim e para a minha família. O meu pai, a minha irmã e o filho da minha irmã, morreram todos nesta guerra. O meu marido foi capturado para servir a Frelimo em Chimoio e não conseguiu voltar para vir nos buscar. Era muito difícil fazer machamba. A machamba de comida estava perto de casa mas mesmo assim tínhamos medo, porque quando a Frelimo chegava, queimava os nossos celeiros com comida, para não alimentarmos os bandidos armados. E quando a Renamo chegava obrigava-nos a cozinhar e quando nos recusássemos, batiam-nos e levavam tudo o que podiam. Nessa altura eu tinha duas crianças pequenas que choravam por causa de fome e frio. Como não tínhamos dinheiro, (nessa altura também não havia lojas e nem o que comprar) fazíamos roupas de folhas de árvores para mim e para as crianças, as quais chamávamos *Gumbo*. Sobrevivíamos com frutos silvestres, até que a minha mãe veio me buscar para ir ficar com ela em Chimoio, na altura da seca¹¹⁰. Foi lá onde reencontrei meu marido e só voltámos 4 anos depois da guerra ter terminado¹¹¹.

¹⁰⁸ Depoimento de Gozo José Caetano citado em, J. Khossa "Gorongosa: A Bestialização do Homem ou o regresso ao Australopithecus," *Revista Tempo*, Janeiro (1986).

¹⁰⁹ Abrahamsson & Nilsson, *Moçambique em Transição*, p.269.

¹¹⁰ Presumimos que foi por volta de 1987.

¹¹¹ Entrevista com Rosita Raul, Canda, 25 de Maio de 2006.

Estas e outras situações de horror caracterizaram a guerra ao longo dos 16 anos da sua duração. No entanto, se por um lado a guerra, com toda a sua violência, expôs a mulher a situações humilhantes como as acima referidas, por outro lado esta teve como consequência a sua emancipação¹¹². De acordo com Chingono¹¹³, as condições da guerra puseram em causa as relações entre mulheres e homens, abrindo a possibilidade da redefinição das relações entre sexos e de novas identidades familiares. Essas novas relações estabeleceram-se através das lutas de género das mulheres. As mulheres participaram nestas lutas a vários níveis, por exemplo, através da confrontação com membros masculinos das suas famílias, com autoridades tradicionais e com o Estado. As exigências económicas da guerra em si forçaram mudanças sociais, que por sua vez permitiram às mulheres quebrar com seus papeis definidos estritamente com base no género¹¹⁴.

No caso específico de Gorongosa, onde grande parte das mulheres se viu sem os seus maridos e familiares, estas tiveram que adoptar estratégias de sobrevivência que lhes permitiram em última análise entrar para a economia mercado, vendendo a sua força de trabalho de modo a garantir a manutenção da sua família. A este respeito, a dona Teresinha Maquie refere que, como o marido foi recrutado e a outra esposa foi assassinada no decurso da guerra, ela teve que cuidar dos seus dois filhos e mais os 5 filhos da sua rival que eram todos pequenos na altura:

Era muito difícil, e estava sozinha, as vezes ficava sem comer para dar às crianças o pouco que conseguia. Como eu era antiga combatente da luta de libertação, a Frelimo vinha aqui e dava um pouco de farinha e feijão, e quando meu marido voltou já estava

¹¹² Esta é uma posição que não pode ser generalizada pois, de acordo com Mark Chingono, "Mulher Guerra e Transformação na Província de Manica: Uma Herança Ambígua," *Arquivo*, 16 (1994), p.95 – 135., As consequências da guerra para a mulher têm sido ambíguas e contraditórias, pois elas contêm tanto novas possibilidades da sua emancipação quanto as sementes da continuidade da sua subjugação.

¹¹³ Chingono, "Mulher Guerra e Transformação," p.96.

¹¹⁴ *Ibid*, p.108.

doente e só ajudava no que podia. Ai começamos a fazer a machamba com ajuda da minha sogra que morreu pouco tempo depois do meu marido¹¹⁵.

Se por um lado a guerra causa perdas incalculáveis à vida das populações, por outro lado introduz novas formas de convivência, novos valores e novos desafios. Contudo, no caso específico da produção do algodão, a guerra teve um impacto extremamente negativo na medida em que no distrito de Gorongosa, várias famílias camponesas viram-se obrigadas a abandonarem as suas terras a procura de zonas mais seguras, onde se pudessem refugiar, pois a maioria dos camponeses que não conseguiam fugir viviam em regime de cativo. Algumas áreas agrícolas muito produtivas foram totalmente abandonadas pela população ou isoladas da rede comercial¹¹⁶.

De acordo com os nossos entrevistados, com a intensificação da guerra, a produção do algodão no distrito parou, porque não era possível ir à machamba todos os dias pois, as pessoas que fossem encontradas nas machambas eram mortas¹¹⁷, e porque a empresa que comprava o algodão já não conseguia entrar para o interior do distrito.

O distrito de Gorongosa ainda resente-se da destruição massiva a que foi alvo durante a guerra. As principais vias de comunicação, pontes e estradas encontram-se totalmente destruídas. Os camponeses que queiram circular e escoar os seus produtos têm que recorrer às vias alternativas, que eles próprios abrem ao longo das aldeias. Esta situação dificulta o desenvolvimento da cultura do algodão no distrito e, queremos acreditar que, a intensificação do conflito armado aliado à destruição das principais vias de acesso estiveram na origem da não produção do algodão entre 1986-1996 e que de

¹¹⁵ Entrevista com Teresinha Maquie, Canda, 25 de Maio de 2006.

¹¹⁶ Abrahamsson & Nilsson, *Moçambique em Transição*, p.235.

¹¹⁷ Entrevista com Celestino Sacaune Canda, realizada por Alzira Bucuane. Gorongosa-sede 24 de janeiro de 2006.

uma ou de outra forma continuam a condicionar hoje, a ainda fraca produção do algodão no distrito.

CAPÍTULO V

AS RELAÇÕES DE GÉNERO NA PRODUÇÃO DO ALGODÃO A NÍVEL DO SECTOR FAMILIAR NO DISTRITO DE GORONGOSA

4.1. As relações de género na produção do algodão

Conforme referimos anteriormente, a participação da mulher na produção do algodão remonta ao período colonial, onde as mulheres eram obrigadas a cultivar o algodão em detrimento das culturas alimentares. No caso das mulheres casadas e primeiras esposas, estas eram obrigadas a cultivar um hectare do algodão em conjunto com seus maridos, sendo as segundas esposas, as viúvas e as solteiras obrigadas a cultivar meio hectare¹¹⁸. No distrito de Gorongosa, os moldes de produção do algodão não diferem muito dos usados no período colonial. Com a excepção do uso da força, as mulheres continuam a trabalhar em conjunto com os seus maridos nas machambas do algodão contribuindo para o aumento da renda familiar, sem contudo, haver uma igual oportunidade de acesso aos recursos e aos rendimentos. Neste sentido, o presente capítulo pretende mostrar que apesar de haver uma estreita ligação entre a participação activa da mulher na produção do algodão e o aumento da renda à nível familiar, não há uma igualdade de oportunidades entre homens e mulheres na produção do algodão pois, o acesso à terra e aos rendimentos são condicionados pelo seu estatuto a nível da família.

Em Gorongosa, a machamba do algodão, normalmente pertence ao homem, principalmente por se tratar de uma cultura de rendimento. No entanto, ao questionarmos sobre quem despende mais tempo na machamba do algodão, dos 31 inqueridos, apenas 9 referiram que o trabalho é partilhado por homens e mulheres. Os restantes 22 foram unânimes em considerar que as mulheres é que passam a maior parte

do seu tempo nas machambas do algodão, só contando com a ajuda dos homens quando se trata das pulverizações, do ensaque e do transporte do algodão para os mercados. Entretanto, a maior parte dos camponeses inscritos na CNA são os homens, como mostra a tabela que se segue:

Tabela 4. Número de camponeses inscritos na CNA

Campanhas ¹¹⁹	Homem	Mulher	Total
2003-2004	3104	439	3543
2004-2005	4666	805	5471
Total	7770	1244	9014

Fonte: CNA, Dados da compra do Algodão-carão do distrito de Gorongosa

Esta disparidade entre o número de homens e mulheres inscritos na CNA, tem a ver com o facto do homem ter o controlo sobre a terra e, principalmente pelo facto da poligamia no distrito de Gorongosa ser uma prática cultural muito forte. Das 14 mulheres casadas entrevistadas, apenas 3 são únicas esposas. As outras 11, têm um marido polígamo, com uma média de 3 mulheres¹²⁰ cada um.

Do número total das mulheres inscritas na CNA, e de acordo com os nossos entrevistados, 80% constitui o grupo de viúvas, de mulheres solteiras e separadas. 15% dizem respeito à aquelas mulheres cujos maridos não ajudam nas despesas da casa, e nem dão assistência aos filhos, sendo que apenas 5% se inscreveram por iniciativa própria, como forma de aumentar os rendimentos familiares.

Os homens no distrito têm a consciência de que, sozinhos, não são capazes de produzir o algodão. Do total dos 8 entrevistados, apenas 1 tem uma única mulher, sendo que 2 desistiram da produção porque as mulheres os abandonaram: *Nesta campanha não entrei porque tive problemas familiares... estou sozinho em casa, e não ia*

¹¹⁸ Isaacman & Chilundo, "Peasants at Work," p.158.

¹¹⁹ Colocamos estas duas últimas campanhas porque antes destas, a CNA não tem registos com distinção de sexo. Os registos eram feitos por família.

¹²⁰ Um facto curioso observado no distrito é que, das 11 mulheres cujos maridos tem mais de uma esposa, 4 tem como rivais as suas próprias irmãs.

*conseguir fazer o algodão. Se eu tivesse dinheiro para pagar ganho-ganho, ia fazer mas como não tenho desisti...*¹²¹

Esta situação é confirmada no artigo de Urdang¹²², por um dos seus entrevistados que referiu que, *é claro que nós precisamos de mais mulheres para nos ajudar a trabalhar, os portugueses tinham somente uma única mulher, porque eles podiam contratar trabalhadores.*

As evidências levam-nos a concluir que a produção do algodão e a poligamia no distrito, estão intrinsecamente ligados, sendo o algodão, de acordo com o director da DDADR, uma cultura fomentadora da poligamia.

Em relação ao processo de produção, é de referir que a cultura do algodão é muito exigente em termos de trabalho e de mão-de-obra, daí que seja difícil à mulher executar todas as fases de produção sozinha. Outro aspecto está relacionado com o facto do processo de produção levar praticamente um ano, desde a preparação dos terrenos até a altura da colheita. Neste contexto, e pelas exigências do calendário da produção do algodão, homens e mulheres, anciãos e crianças, deficientes entre outros, participam das diversas fases de produção, como sugere a tabela que se segue:

¹²¹ Entrevista com Salvador Mbutana, Canda, 23 de Maio de 2006.

¹²² Urdang, *Women in Mozambique*, p.69.

Tabela. 5 Calendário da produção do algodão

Principais Actividades	Época de cultivo	Quem executa maioritariamente as Tarefas/observações
1. preparação da terra	Agosto/Novembro	Homem
2. Sementeira	Jan/Nov/Dezembro	Mulher
3. Desbaste	Jan/Fev e Dezembro	Mulher, para tirar o excesso de plantas
4. Ressementeira	Jan e Nov/Dezembro	Mulher, quando a chuva falha
5. Sachas	Jan/Fev/Mar e Nov/Dez	Homem Mulher, 3 a 5 operações
6. Pulverizações	Jan/Fev/Mar/Abril e Dezembro	Homem
7. Colheitas	Maió/Jun/Julho	Homem, Mulher, crianças e anciãos
8. Separação da qualidade	Junho/Julho/Agosto	Mulher, crianças, anciãos, deficientes
8. Secagem	Maió/Jun/Julho/Agosto	Mulher, Crianças
9. Ensaque	Julho/Agosto/Setembro	Homens e mulheres ¹²³
10. Transporte	Julho/Agosto/Setembro	Homens e mulheres
11. Celeiros	Julho/Agosto/Setembro	Homem
11. Venda	Julho/Agosto/Setembro	Homem/Mulher

Fonte: Adaptado, dados obtidos no campo e no Instituto do Algodão de Moçambique

Como se pode observar, o algodão necessita de muita mão-de-obra nos meses de Outubro e Novembro, época das lavouras e princípio da sementeira. De Janeiro a Março época em que decorrem as sachas e as pulverizações, também a mão-de-obra é muito necessária. Nos meses de Maio a Junho de novo volta a registar-se elevada necessidade de mão-de-obra por se tratar do período em que se inicia a colheita do algodão.

Em relação às pulverizações, as mulheres não fazem devido à própria composição dos produtos químicos, razão pela qual, a companhia entrega os produtos na altura em que se vai fazer uso, com receio de que alguém, dentro dos agregados familiares, possa se envenenar. Outro aspecto que faz com que sejam os homens e não as mulheres a tratar das pulverizações é o facto da CNA considerar as mulheres menos receptivas que os homens a conselhos técnicos dados por homens no que se refere aos serviços de extensão¹²⁴.

¹²³ O ensaque exige muito força muscular, pois é preciso ensocar de modo a que o algodão fica bem compacto, para que pese mais. As mulheres também ensacam, mais normalmente são os homens. Das 9 mulheres questionadas sobre quem faz o ensaque, apenas 3 referiram fazê-lo junto com os maridos. O mesmo acontece em relação ao transporte, algumas carregam o algodão, mas é uma tarefa executada maioritariamente por homens.

¹²⁴ Lemaitre, et al, *Estudo do Subsector*, p.154.

De um modo geral, a cultura do algodão envolve quase todos os membros do agregado familiar, contudo a mulher participa praticamente de todo o processo. No entanto, não há nenhuma política de incentivo à mulher na produção do algodão. A falta de uma política por parte dos legisladores no que concerne a participação da mulher na produção do algodão faz com que estas se tornem "invisíveis" neste processo. O regulamento para a cultura do algodão emitido pelo Diploma Ministerial número 91/94¹²⁵ aborda a forma como os diversos intervenientes no sector devem operar e quando trata dos operadores económicos refere-se ao Sector Familiar como sendo constituído por membros de um agregado familiar, sem contudo fazer uma referência ao papel específico que cada um dentro do agregado deve assumir no processo produtivo.

4.2. As relações de género a nível dos agregados familiares

Os agregados familiares consideram o algodão a cultura de rendimento mais importante do distrito de Gorongosa. Da renda resultante da venda do algodão as famílias compram alimentos, roupas, produtos de consumo de primeira necessidade, bicicletas, custeiam a educação das crianças, a saúde das famílias dentre outras facilidades.

Em relação aos rendimentos é de referir que é muito difícil saber ao certo quem de facto toma a decisão sobre o destino dos rendimentos pois, as situações variam de agregado para agregado e de acordo com o grau de necessidades¹²⁶ que cada agregado apresenta. Esta dificuldade deve-se em parte, ao facto de a nível dos agregados familiares, principalmente fora da vila de Gorongosa, não haver outras fontes de

¹²⁵ Ministério da Agricultura, *Regulamento para a Cultura do algodão*, p.7.

¹²⁶ Referimo-nos ao grau de necessidades por termos constatado que os agregados com maiores parcelas de terras para o cultivo geralmente tem um maior rendimento e por isso podem abdicar da produção feita pelas mulheres, estando estas livres de usar o dinheiro da sua produção da forma que melhor lhes aprouver. No entanto, é preciso salientar que a maioria dos agregados entrevistados são pobres, e têm na produção do algodão uma fonte adicional para a sobrevivência e usam o dinheiro proveniente dessa

rendimento que não sejam provenientes da produção agro-pecuária. Entretanto, e de acordo com os dados recolhidos, concluímos que, na maioria dos casos é o homem quem controla os rendimentos familiares pois, ao questionarmos sobre quem guarda os rendimentos familiares, das 6 mulheres casadas entrevistadas¹²⁷, 4 referiram que nas machambas de algodão onde trabalham sozinhas isto é, sem a ajuda dos seus maridos, os rendimentos provenientes da produção, são da sua inteira responsabilidade, mostrando e por vezes dando uma pequena parte do que recebem aos maridos apenas como uma forma de respeito¹²⁸, enquanto que as restantes 2 referiram que preferem que seja o marido a guardar os seus rendimentos, por este ser o chefe da família. A dona Rosita, justificou a sua atitude nos seguintes termos: *quando vocês vinham para aqui, disseram que vinham para onde? Para a casa da dona Rosita ou para casa do sr. Matimate (seu marido)?*¹²⁹. Esta resposta em si, encerra uma série de questões, pois mostra a forma como a dona Rosita vê a sua posição no seio da família.

No caso em que a machamba do algodão é comum, das 8 mulheres entrevistadas, 7 referiram que é o marido quem recebe e guarda o dinheiro da venda do algodão distribuindo equitativamente uma parte do dinheiro para as esposas, quando tem mais de uma, como geralmente acontece em Gorongosa e a outra parte, o marido dá conforme as necessidades do dia a dia. Apenas uma referiu que depois do marido receber o dinheiro, entrega-lhe para guardar.

Há porém, situações de desavenças entre casais, principalmente nos casos em que o homem, porque fez a inscrição na CNA, recebe o dinheiro da venda do algodão e

produção para a compra de produtos de primeira necessidade como vestuário, mantas, sabão, óleo, sal, etc.

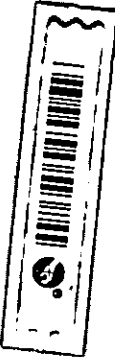
¹²⁷ Em Gorongosa são poucas as mulheres casadas que têm uma machamba do algodão separadas dos seus maridos. A maior percentagem deste grupo diz respeito às mulheres cujos maridos não prestam assistência à sua família, conforme referimos anteriormente.

¹²⁸ É interessante notar que, quando se trata da machamba do marido, este já não tem a mesma obrigação moral de mostrar os rendimentos às mulheres. Apenas distribui uma parte, e a restante guarda consigo.

¹²⁹ Entrevista com Rosita Raul, Canda, 24 de Maio de 2006.

não dá à(s) mulher (s). Sobre este aspecto, Isaacman¹³⁰ refere que já no período colonial, a produção do algodão transformou as relações entre homens e mulheres, criando conflitos quanto ao papel que cada um desempenhava dentro da família, e em relação aos rendimentos. Esses conflitos também se confirmaram em Gorongosa, e essa é uma das razões pelas quais as mulheres têm optado por fazer a machamba do algodão separada dos seus maridos.

Em relação à forma de aplicação dos rendimentos provenientes da produção do algodão, é de referir que uma vez que o dinheiro do algodão é pago de uma só vez por campanha, os agregados familiares¹³¹, principalmente os que possuem grandes áreas de cultivo, aproveitam este dinheiro para investir em bens mais duráveis como bicicletas, chapas para a construção de casas, gado etc., sendo que a alimentação do dia a dia, a escola e os pequenos problemas de saúde que vão surgindo, são custeados geralmente com a venda da produção de culturas alimentares comercializadas no distrito e com recurso ao *ganho-ganho*.



De um modo geral podemos dizer que as mulheres não controlam os rendimentos provenientes da sua produção, e geralmente não decidem sobre como fazer uso desse dinheiro sem antes prestar contas ou consultar os seus maridos. Contudo, é inegável a importância que o seu papel vem assumindo a nível dos agregados familiares, contribuindo através dos seus rendimentos para o sustento e bem estar da família por um lado e criando uma independência económica que lhe permite desenvolver novas relações sociais a nível da família por outro lado.

Em relação ao acesso e controlo da terra é de referir que, durante todo o tempo que antecedeu a entrada em vigor da actual Lei de Terras, o uso e aproveitamento de terras no distrito de Gorongosa, era gerido por normas costumeiras. As terras do interior

¹³⁰ Isaacman, *Cotton is the Mother of Poverty*, p.7.

(meio rural) pertenciam a um clã ou família alargada, a qual era chefiada por um ancião ou legítimo herdeiro, que ao mesmo tempo, tinha responsabilidades na distribuição, gestão e resolução de conflitos de terra entre os membros do clã. Dentro de cada clã, apenas os homens tinham o direito de posse e uso da terra¹³².

A actual Lei de Terras, a Lei 19/97 trás algumas novidades relativamente à existência de terras para as comunidades locais e no que diz respeito aos direitos das mulheres sobre a obtenção de títulos de uso e aproveitamento de terras em pé de igualdade com os homens. No entanto, apesar desses avanços, as duas principais formas de aceder à terra que se constatou no distrito para a produção do algodão são, primeiro, através da herança, onde os filhos, principalmente os familiares masculinos do chefe da família têm preferência, e segundo, através do casamento, é o caso das mulheres que trabalham nas parcelas de algodão pertencentes aos maridos. No caso das mulheres que têm uma parcela de terra, geralmente esta é fruto da herança dos seus pais e ou maridos, o que nos leva a concluir que, para as mulheres do distrito de Gorongosa, o acesso à terra é condicionado pelo seu estatuto a nível da família. A eminência de um divórcio pode significar a perda do direito do usufruto da terra por parte da mulher e isso a coloca numa situação extremamente vulnerável.

No caso específico da produção do algodão é o homem que controla a terra. Quando este tem mais de uma mulher, é ele que faz a divisão das parcelas das machambas onde estas vão trabalhar. Este controlo sobre a terra faz com que o homem tenha automaticamente o controle sobre os rendimentos e sobre as suas mulheres, como refere o depoimento que se segue: *na machamba do algodão, o marido quando recebe*

¹³¹ A grande maioria dos nossos entrevistados não têm outra forma de rendimento que não seja a produção agro-pecuária.

¹³² Administração do Distrito de Gorongosa, *Plano Estratégico*, p.8.

*dinheiro reparte entre nós, então ele fica como director da empresa e nós trabalhamos*¹³³.

Pitcher¹³⁴, no seu estudo referente ao Norte do País, refere que o controlo e o poder dentro das famílias tem sua dinâmica própria, e podem mudar ao longo dos tempos, e salienta que os homens podem controlar os rendimentos numa economia onde a participação das mulheres na produção de culturas de rendimento é marginal, mas esse controlo pode ser contestado quando as mulheres participam activamente na produção de culturas de rendimento. No caso de Gorongosa, onde o modelo dominante é o masculino, esta situação não é tão automática, pois mesmo participando activamente na produção do algodão, o facto da terra pertencer ao homem faz com que esta mudança se dê de forma mais lenta, como fazem notar Andrade et al¹³⁵ quando referem que: *Se o acesso aos recursos pela mulher tem sofrido mudanças rápidas e notáveis, o seu controlo tem evoluído de forma mais lenta mantendo-se e por vezes reforçando-se a desigualdade do sistema sexo-género.*

De um modo geral, podemos concluir que no distrito de Gorongosa, o aumento dos rendimentos familiares está intimamente ligado ao número de mulheres que cada homem possui. Pois, quanto mais mulheres, maior é a extensão de terra para o cultivo e consequentemente maior são os rendimentos. O casamento surge deste modo como uma relação bivalente em que, por um lado a mulher através deste, ganha acesso à terra e por outro, o homem, porque tem na mulher uma mão-de-obra adicional, ganha a possibilidade de aumentar os seus rendimentos.

Em relação à divisão do trabalho, no distrito de Gorongosa como em muitas outras regiões do País, existem duas principais variáveis que determinam a divisão de

¹³³ Entrevistas com Marieta Alfândega, Albertina Arnasse, Laurinda Armindo, Nerinda Faiera, Canda, 23 de Setembro de 2004.

¹³⁴ Pitcher, "Conflict and Cooperation," p.84.

¹³⁵ Andrade et al, *Famílias em Contexto*, p.60.

trabalho no seio da família: sexo/idade. Apesar de homens e mulheres do distrito, terem na actividade agrícola a principal fonte do seu sustento, grande parte do trabalho a nível dos agregados familiares recai sobre a mulher. Na divisão familiar do trabalho cabe à mulher a responsabilidade de realizar praticamente todas as tarefas do lar nas quais se circunscrevem em cuidar da casa (limpar a casa, lavar roupa, pillar etc.), cuidar dos filhos, preparar as refeições, colectar lenha, procurar água, etc.¹³⁶. Para além destas tarefas existem aquelas de carácter comunitário como sejam as reuniões nas escolas dos filhos, o apoio a familiares em casos de doença, falecimentos e casamentos entre outras. Ao mesmo tempo que a mulher realiza estas tarefas de carácter reprodutivo, ela também participa da produção de culturas de rendimento. No caso específico de Gorongosa, a mulher para além da machamba de culturas alimentares também possui uma machamba de algodão. É interessante notar que além disso, esta deve ajudar o marido na sua machamba:

No campo todo homem é chefe. Um homem pode ter uma, duas, três mulheres, todas essas estão sob ordem do marido e trabalham na sua machamba. Mas cada mulher tem a sua própria machamba, onde o homem só vai para fazer a abertura do terreno. Há no entanto, um dia específico para a mulher ajudar na machamba do marido. São duas ou três vezes por semana. O resto dos dias vão trabalhar nas suas machambas¹³⁷

De acordo com Pitcher e Zimba¹³⁸, o facto da mulher ter que conciliar as tarefas domésticas e de reprodução com a produção do algodão faz com que estas não consigam ter grandes lotes de terra para a produção do algodão. Zimba¹³⁹ no seu trabalho sobre o norte do País, salienta que, a falta de sucesso na produção de algodão está intimamente ligada à este sistema da produção agrícola, pois cerca de 99% das mulheres envolvidas na produção do algodão têm dois tipos de machambas: uma de

¹³⁶ Glória Liberman, "Agricultura, Mulher e Extensão Rural," Maputo: DNDR/UNICEF, (1989), p.4.

¹³⁷ Entrevista com Mário Macheça, Gorongosa-Sede, 22 de Setembro de 2004.

¹³⁸ Pitcher, "Conflict and Cooperation", p.102; Zimba, *Women & Cotton Production*, p.17.

¹³⁹ Zimba, *Women & Cotton Production*, p.18.

algodão e outra de produtos alimentares. É de salientar que todas estas tarefas são muitas das vezes realizadas em simultâneo, aumentando sobremaneira a sobrecarga da mulher no trabalho. Contudo, este facto não altera em si as relações de poder dentro da família, continuando a mulher a ocupar a posição definida pelo género. De acordo com Andrade et al¹⁴⁰, o facto da mulher trabalhar fora do lar, não substitui a tarefa doméstica, tratando-se portanto, na prática de uma acumulação de actividades. A mulher sai de casa por “obrigação” por força das condições materiais da família, mas o seu lugar continua a ser a casa.

Se a posição da mulher na família não se altera, devido à sua independência económica, ela ganha contudo uma nova importância face aos homens e a outras mulheres da família, reflectindo-se este facto, ainda que de forma incipiente, na socialização das meninas¹⁴¹. Em Gorongosa mais da metade das nossas entrevistadas referiu que o dinheiro do algodão ajuda a pagar a escola para os filhos.

De um modo geral podemos concluir que, o facto da mulher obter rendimentos adicionais através da produção do algodão, contribuindo para o bem estar da família, não altera em si a divisão sexual do trabalho e nem as relações de género a nível dos agregados familiares, pois, de acordo com Malauene¹⁴², as relações desiguais entre a mulher e o homem não se quebram totalmente com a independência económica da mulher obtida através da participação produtiva, porque há outros factores de ordem sociocultural e política que contribuem para a sua manutenção. Contudo, o facto da mulher contribuir através do seu trabalho para o melhoramento do nível de vida dos seus familiares deve ser visto como um passo importante para que a mulher ganhe mais espaço e tenha um poder de negociação cada vez maior dentro do agregado familiar.

¹⁴⁰ Andrade et al, *Famílias em Contexto*, p.36.

¹⁴¹ Ibid, p.59.

¹⁴² Malauene, *As Relações de género*, p.56.

Esta situação pode ser reforçada pela nova Lei da Família, a Lei número.10/2004, que ao contrário da antiga legislação¹⁴³, salienta que a família pode, pelo artigo 99 ser indistintivamente representada por qualquer um dos cônjuges, e que o governo do lar, pode, pelo artigo 101, ser exercido por qualquer um dos cônjuges, dependendo do entendimento do casal.

¹⁴³ Até a publicação da nova lei da família, a matéria relativa à família encontrava-se regulada no livro IV- artigos 1576 a 2023 do Código Civil Português de 1967 e na Lei nr. 8/92 de 6 de Maio que introduziu a figura do divórcio letigioso. Esta Lei consagrava o princípio da supremacia do marido como chefe da família. Citado em Malauene, "*As Relações de Género*," p.57.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

O presente trabalho tinha como objectivo analisar as relações de género na produção do algodão ao nível do Sector Familiar no distrito de Gorongosa de 1995 a 2005.

Ao longo do trabalho constatamos que a produção do algodão, no distrito de Gorongosa, baixou muito após a independência em 1975. As políticas do governo, nomeadamente a promoção das Cooperativas e Machambas Estatais, a instalação das Aldeias Comunais e como consequência, a marginalização do Sector Familiar, associadas às calamidades naturais e à guerra dos 16 anos entre o governo e a Renamo, estiveram na origem da fraca produção do algodão no distrito, nos 15 anos que se seguiram à independência.

Verificamos que o fim da guerra dos 16 anos e o consequente AGP em 1992, criaram condições para o retorno das populações às suas zonas de origem, contribuindo para o relançamento da produção do algodão no distrito, a partir de 1995. Esta guerra teve um impacto extremamente negativo na produção do algodão no distrito. Este impacto fez-se sentir sobretudo nas mulheres do distrito, que se viram sem seus maridos e como consequência tiveram que adoptar estratégias de sobrevivência de modo a assegurarem a manutenção das suas famílias.

Constatamos que o algodão no distrito cultivava-se em conjunto com as culturas alimentares, e que tanto homens como mulheres participam na produção de culturas alimentares bem como das de rendimento, pois culturas alimentares como o milho, a mapira e a meixoeira são consideradas as principais culturas comercializadas pelas famílias. Portanto, não há uma distinção com base no género na produção de culturas no distrito.

Verificamos que o algodão é uma cultura de rendimento muito importante e que constitui uma das principais fontes de acumulação das famílias, não obstante a fraca produção observada a nível do distrito. Constatamos que a fraca produção deve-se ao problema de insegurança alimentar e à precariedade das vias de acesso, que dificultam o escoamento da produção camponesa que se encontra no interior do distrito.

Concluimos que, apesar das mulheres do distrito de Gorongosa terem acesso à terra e desempenharem um papel preponderante no processo produtivo, estas não controlam os rendimentos provenientes da sua produção, devido ao sistema patriarcal vigente no distrito e a factores de ordem cultural, como é o caso da poligamia.

Apesar da maioria dos nossos entrevistados refutarem as ideias segundo as quais as mulheres são as principais produtoras do algodão, as evidências apresentadas pelo número dos camponeses inscritos na CNA, contradizem as nossas asserções. E isto explica-se pelo facto da terra no distrito de Gorongosa pertencer ao homem e principalmente pelo facto da poligamia, conforme referimos, ser uma prática cultural muito forte.

Sendo o algodão fomentador da poligamia, acabamos por concluir que o aumento dos rendimentos familiares está intimamente ligado ao número de mulheres que cada homem no distrito possui.

A nível dos agregados familiares constatamos que a participação da mulher na produção do algodão constitui uma estratégia de sobrevivência familiar e contribui para iniciar o processo de construção de novas relações de género, ainda que de forma ténue.

O presente trabalho pretendeu dar uma contribuição singela sobre o estudo das relações de género e a produção do algodão no distrito de Gorongosa. Não pretendíamos de forma alguma esgotar o debate sobre a matéria. Contudo, ao longo do trabalho

constatamos algumas lacunas que, a serem observadas, poderiam estimular o aumento da produção do algodão no distrito:

(1) Falta de uma política de incentivo às mulheres no que diz respeito à produção do algodão, considerando que estas são as potenciais produtoras. Estes incentivos poderiam estar relacionados com a diminuição do custo dos insumos agrícolas, com o aumento do preço do algodão e com a participação das mulheres nos serviços de extensão, de modo a que estas não fiquem dependentes dos agentes extensionistas.

(2) Inexistência de uma associação de produtores do algodão no distrito. A existência de uma associação, daria aos camponeses melhores possibilidades assistência técnica e crédito em dinheiro. Os camponeses do Sector Familiar teriam maiores possibilidades de vender o algodão a um melhor preço e teriam um maior acesso à informação do mercado entre outras vantagens.

(3) A falta de capacitação dos camponeses, no sentido de terem acesso à informação sobre os procedimentos envolvidos na comercialização e classificação do algodão faz com que estes, estejam à margem de todo o processo e frequentemente se sintam desencorajados a produzir o algodão no distrito. O facto dos classificadores do algodão serem os agentes da CNA torna o cenário ainda mais sombrio e duvidoso quanto ao futuro da produção do algodão no distrito.

FONTES CONSULTADAS

1) Fontes Orais

a) Informantes chave entrevistados

1. Eng. Norberto Mahalambe, Chefe do Departamento de Estudos e Projectos do IAM, 18/12/05
2. Eng. José Dambiro, Delegado do IAM na Beira, 21/09/04
3. José Saguete, Director Distrital da Agricultura e Desenvolvimento Rural, 23/05/06
4. Ricardo Cumbana, Técnico da Planificação da DDADR, 22/09/04
5. Bernard Boudaier, Director Geral da CNA, 22/05/06
6. Eng. Marcos Massa, Representante da CNA, no distrito de Gorongosa, 24/05/06
7. Mário Macheça, Técnico Extensionista da DDADR, 22/09/04

b) Produtores Entrevistados

1. Albertina Arnasse, Canda, 23/09/04
2. Ana Paula José Maria, Canda, 23/05/06
3. Bernardo Fineasse Domingos, Gorongosa-sede, 22/09/04
4. Celestino Sacaune Canda, Gorongosa-sede, 24/01/06
5. Drofina Taimo, Canda, 25/05/06
6. Edson José, Gorongosa-sede, 24/09/04
7. Félix Wilson, Gorongosa-sede, 22/09/04
8. Fernando Bitone, 24/05/06
9. Florência João, Canda, 24/05/06
10. Folinda Domingos, Gorongosa-sede, 22/09/04
11. Imaculada Alberto, Canda, 25/05/06
12. Lurinda Armando, Canda, 23/09/04
13. Maria Kobirezamala, Gorongosa-sede, 22/09/04
14. Marieta Alfândega, Canda, 23/09/04
15. Marta Changamira, Canda, 23/05/06
16. Moisés Carlos, Canda, 23/05/06
17. Nacho Marcelino, 23/09/04
18. Nerinda Fayera, Canda, 23/09/04
19. Nhafure Marque, Gorongosa-sede, 22/09/04
20. Paulina Esteve, Gorongosa-sede, 22/09/04

21. Salvador Mbutana, Canda, 23/05/06
22. Serida Wilson, Gorongosa-sede, 22/09/04
23. Sinória José Maria, Canda, 23/05/06
24. Teteria Joaquim, Gorongosa-sede, 22/09/04
25. Vaida Katique, Gorongosa-sede, 22/09/04
26. Zelinha João, Gorongosa-sede, 22/09/04

c) Histórias de Vida

1. Fátima Volande, canda, 23/09/04
2. Rosita Raul, Canda, 25/05/06
3. Teresinha Maquie, Canda, 25/05/06

2. Fontes Escritas

a) Relatórios, artigos e teses não publicados

Administração do Distrito de Gorongosa, *Plano Estratégico Distrital do Desenvolvimento de Gorongosa*, Relatório Final, 2006.

Instituto do Algodão de Moçambique, *Evolução da Produção do Algodão-caroco na Província de Sofala entre 1975 a 2005*, 2006.

Instituto do Algodão de Moçambique, "Produção do Algodão por Sectores (2003/2004)," 2005.

Instituto do Algodão de Moçambique, Departamento de Estudos e Projectos, *Compacto Estatístico 1931-2000: Evolução da Produção do Algodão em Moçambique*, 2000, pp:1-9.

Liberman, Glória, "Agricultura, Mulher e Extensão Rural," Maputo: DNDR/UNICEF, 1989, 9p.

Lucas, Xavier A, "As Relações de Género no Acesso e Controle da Terra na Localidade de Malaia, de 1942-1992". Tese. Licenciatura. História. Faculdade de Letras-UEM. 1999.

Mahalambe, Norberto, "Indústria do Algodão em Moçambique- Aprendizagem Conjunta, Crescimento Conjunto," 2006, 11p.

Malauene, Denise, "As Relações de Género na Agricultura Urbana: O Caso das Zonas Verdes de Maputo," Tese. Licenciatura. História. Faculdade de Letras-UEM. 2002.

Manjate, Fernando, *O Impacto Social do HIV/SIDA nas Famílias da Cidade da Beira*, Tese Licenciatura em História, Faculdade de Letras-UEM, 2001.

Mejia, M., *Dinâmicas Locais nas Associações de Camponeses no Distrito de Mnhiça (Província de Maputo)*, Relatório de Investigação, Maputo: UEM/CEA, 2000.

Menezes, Revés, "*Erosão dos Solos Agrícolas no Sector Familiar em Gorongosa: o Caso das Aldeias de Nhauranga e Magoe*", Tese, Licenciatura, Produção e Protecção Vegetal, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal-UEM, 2004.

Monteiro, Maria Helena, *O Sector Familiar e a Produção do Algodão entre 1960-1994: Estudo de Caso: Netia, Província de Nampula*, Tese Licenciatura em História, Faculdade de Letras-UEM, 2001, pp: 37-65.

Ofiço, Afonso. O; Tschirley. "*An Overview of the Cotton Sub-Sector in Mozambique*". (Collaborative Research Project on Competition and Coordination in Cotton Market Systems in Southern and Eastern Africa). Unpublished Paper. 2003, pp: 1-41.

Pitcher, Anne, "*Lineage, Gender and Cash: Women and Cotton Production in Northern Mozambique*," Paper presented at the African Studies Association Annual Meeting, Boston, 1993, 16p.

Roesch, Otto, "*Peasants, War and Tradition in Central Mozambique*," Ontario: Trent University, Department of Anthropology, 1993, 22p.

Rose, Sonya, *Protective Labor Legislation in Nineteenth-Century Britain: Gender, Class and Liberal State*, The University of Michigan: Unpublished Working Paper, 1995, 13p.

Wuyts, Marc, "*Nota Estatística sobre o Desenvolvimento Económico do Pós-independência em Moçambique*," Texto de Apoio Maputo: CEA, 1981.

Zaqueu, António, "*População e Conservação no Parque Nacional de Gorongosa*," Tese, Licenciatura, Engenharia Florestal, Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal-UEM, 1998.

Zimba, Benigna, *Women & Cotton Production in Mozambique: A project of EJM FOCCISA and Christian Aid/ CCM*, 2004.

a) Artigos Publicados

Andrade, Ximena; Casimiro, Isabel, "Construindo Uma Teoria de Género em Moçambique," *Estudos Moçambicanos nos 11/12*, Maputo: CEA/UEM, 1992, Pp.: 97-109.

Casal, Adolfo Yanéz, "A Crise da Produção Familiar e as Aldeias Comuns em Moçambique," *Revista Internacional de Estudos Africanos* 8-9.1988, Pp.157-191.

Chingono, Mark, "Mulher Guerra e Transformação na Província de Manica: Uma Herança Ambígua," *Arquivo*, 16,1994, p. 95-134.

Guyer, Jane, "Households and Community in African Studies," *African Studies Review*, 24, nr.2/3, 1981, pp:87-135.

Hermele, K., "Guerra e Estabilização: Uma Avaliação à Médio Prazo do Programa de Reabilitação Económica de Moçambique," *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 8-9, Lisboa: IICT (1988), pp:247-293.

Instituto Nacional de Estatística e Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural, *Censo Agro-pecuário 1999-2000, Apresentação sumária dos Resultados*, Maputo, 2001, pp: 52-69.

Isaacman, Allen & Chilundo, Arlindo, "Peasants at Work: Forced Cotton Cultivation in Northern Mozambique 1938-1961," in: Allen Isaacman & Richard Roberts, eds., *Cotton Colonialism and Social History in Sub-Saharan Africa* (Portsmouth: Heinemann, 1995), pp: 147-179.

Isaacman, Allen, Historical Amnesia or the Logic of Capital Accumulation: Cotton Production in Colonial and Post-Colonial Mozambique, *The MacArthur Interdisciplinary Program on Peace and International Cooperation*, University of Minnesota, 1996, pp: 1-30.

Jensen, Scott-Kloeck, *Análise do Debate Parlamentar e da Nova Lei Nacional de Terra para Moçambique*, Projecto do Land Tenure Center, 1997, 18p.

Khossa, J., "Gorongosa: A Bestialização do Homem ou o regresso ao Australopithecus," *Revista Tempo*, 1986.

Pitcher, Anne, "Conflict and Cooperation: Gendered Roles and Responsibilities Within Cotton Households in Northern Mozambique," *African Studies Review*, 39, nr.3, 1996, pp: 81-112.

Pitcher, Anne, "Recreating Colonialism or Reconstructing the State? Privatization and Politics in Mozambique," *Journal of Southern African Studies*, 22 nr 1 March 1996, pp:49-74.

Pitcher, Anne, "Disruption Without Transformation: Agrarian Relation and Livelihoods in Nampula Province, Mozambique, 1975-1995," *Journal of Southern African Studies*, 24, nr.1, March 1998, pp: 115-140.

Ramanaiah, Kolla; Tamele, A, "A Comercialização da Produção Agrícola do Sector Familiar," *Extra*, Revista para o Desenvolvimento e Extensão Rural, Comercialização Agrícola, nr.11, Setembro/Dezembro 1992.

Roesch, Otto, "Reforma Económica em Moçambique: notas sobre a Estabilização, a Guerra e a Formação de Classes," *Arquivo* 11, 1992, pp: 5-35.

Scott, J, "Género: uma categoria útil para análise Histórica", Traduzido por C.R. Dabat e M. A. Ávila, do original: Scott, J, *Gender: UN useful category of historical analyses, Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989, 27p.

Young, Kate, *Gender and development: a relational approach*", Great Britain: Institute of Development Studies (IDS) – Sussex University, (Tradução para a língua portuguesa realizada pelo CEA), 12p.

Urdang, Stephanie, "Women in Mozambique, Rural Transformation: Women in the New Society" *Africa Report* March-April 1985.

Zimba, Benigna, "Identidade Feminina e Construção da Paz em Moçambique 1992-2002," Brazão Mazula coord., *Moçambique: 10 Anos de Paz*. Maputo: CEDE, 2002, p 35-55.

b) Livros

Abrahamsson, Hans & Nilsson, Anders, *Moçambique em Transição: Um estudo da história de desenvolvimento durante o período 1974-1992*, Maputo: CEGRAF. 1994, 365p.

ACNUR-PNUD, *Perfil de Desenvolvimento Distrital, Distrito de Gorongosa, Província de Sofal*,. 1997.

Adam, Yussuf, *Escapar aos Dentes do Crocodilo e Cair na Boca do Leopardo: Trajectória de Moçambique Pós-Colonial 1975-1990*, Maputo: Promédia, 2006, 481p.

Amaral, Wanda do, *Guia para Apresentação de Teses, Dissertações, Trabalhos de Graduação*, 2ª Edição, Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1999, 83p.

Andrade, Ximena et al, *Famílias em Contexto de Mudanças em Moçambique*. Maputo: Departamento do Estudo da Mulher e Género. WLSA/CEA/UEM. 1998, 188p.

Casimiro, Isabel; Loforte, Ana e Pessoa, Ana, *A Mulher em Moçambique*, CEA/NORAD, 1990.

Centro dos Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, *A Transformação da Agricultura Familiar na Província de Nampula*, Maputo. 1986, pp: 46-86.

Centro dos Estudos Africanos, *Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural na República Popular de Moçambique: Documento Preparado para a Conferência Mundial sobre a Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural*. Maputo: UEM/CEA. 1978, pp:9-40.

Chilundo, Arlindo G, *Os Camponeses e os Caminhos de Ferro e Estradas em Nampula (1960-1961)*, Maputo: Promédia, 2001, 423p.

Chingono, Mark, *The State, Violence and Development: The Political Economy of War in Mozambique, 1975-1992*, London: Avebury, 1996, pp: 25-199.

Fok, Michel A C, *O Sub-Sector Algodoeiro em Moçambique: Diversidade Institucional, Desempenho e Perspectivas para o Melhoramento*, Ministério da Agricultura e Pescas/CIRAD, 1995.

Frelimo, *Directivas Económicas e Sociais*, Documentos do IV Congresso da Frelimo, Maputo: Coleção IV congresso, 1983.

Isaacman, Allen, *Cotton is the mother of Poverty: peasants, Work and Rural Struggle In colonial Mozambique, 1938-1961*, Oxford, 1996, 271p.

Instituto Nacional de Estatística, *II Recenseamento Geral da População, Resultados Definitivos*, 1997.

Lakatos, E. Maria; Marconi, M. de Andrade, *Metodologia do Trabalho Científico*, São Paulo: Atlas S.A, 1992.

Lemaitre, Patrick et al, *Estudo do Sub-sector do Algodão*, Vol.1. Relatório Final. 2001, 167p.

Loforte, Ana M., *Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique*, Maputo: Promédia, 2000, 277p.

Ministério da Agricultura, *Regulamento para a Cultura do Algodão*, Diploma Ministerial 91/94, Maputo: Imprensa Nacional, 1994.

Minter, William, *Os Contra do Apartheid: As Raízes da Guerra em Angola e Moçambique*, Maputo: AHM, 1998, pp: 342-364.

Quivy, R; Campenhoudt, L. V, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, 1992.

Ratilal, Prakash, *Enfrentar o Desafio: Utilizar a Ajuda para Terminar a Emergência*, Maputo: Globo, S/d.

Waterhouse, R. Vijfhuizen C., eds. *Estratégias das mulheres, proveito dos homens. Género, terra e recursos naturais em diferentes contextos rurais em Moçambique*, Maputo: NET/FAEF-UEM/ Action Aid-Moçambique, 2001, pp: 4-34.

Zimba, Benigna, *Mulheres Invisíveis: o Género e as Políticas Comerciais no Sul de Moçambique, 1720-1830*, Maputo: Promédia. 2003, 185p.

Zimba, Benigna & José Castiano Coords., *As Ciências Sociais na Luta Contra a Pobreza em Moçambique*, Maputo: Filson Entertainment, 2005, 254p.

c) Legislação

Assembleia da República, "Lei no. 10/2004, de 25 de Agosto", Maputo: Imprensa Nacional.

ANEXOS

Anexo 1. Guião das Entrevistas Semi-estruturadas

Nome do informante

Idade

Grau de alfabetização

Profissão

Estado civil

Número de filhos/Idades

1. Características da produção

Desde quando é que produzem o algodão?

Para além do algodão que outras culturas cultiva?

Qual é o tamanho das machambas?

Quantos membros economicamente activos existem dentro dos agregados familiares?

Para além da produção do algodão e de culturas alimentares quais são as outras fontes de rendimento da família?

Qual é a distância entre a casa e as machambas

Qual é a distância da casa para o mercado do algodão?

Qual é a divisão de trabalho entre homens e mulheres nas machambas do algodão e de culturas alimentares?

Quem toma a decisão sobre os rendimentos da venda do algodão?

Quem guarda o dinheiro da venda do algodão?

2. Processo de produção do algodão

Quem se inscreve na companhia?

As mulheres tem direitos de propriedade da terra?

Quantas famílias produzem o algodão no distrito?

Qual é a percentagem de homens e mulheres registados na companhia?

Quem recebe o dinheiro proveniente do algodão?

As mulheres participam na comercialização do algodão?

Quem enche e carrega os sacos para os mercados?

Quem faz a secagem e a separação da qualidade?

Quem faz as pulverizações?

Como é que as crianças, os anciãos e outros membros não activos participam da divisão do trabalho envolvido na produção do algodão?

3. Histórias de vida

Como as mulheres se tornaram produtoras de algodão?

Como teve acesso à machamba de algodão? foi através do casamento; herança ou que outra forma?

Quem, decide sobre a participação da mulher na produção do algodão?

Que conflitos surgem dentro da família por causa da produção do algodão?

Como as mulheres dividem o tempo entre a machamba do algodão e das culturas alimentares?

Como os rendimentos afectam as relações conjugais, e como é que o maridoreage aos rendimentos da mulher?

Como a produção do algodão mudou a sua vida e da sua família.

4. **Guerra dos 16 anos**

Qual foi o impacto da guerra na produção agrícola no geral?

Qual foi o impacto da guerra na produção do algodão?

As famílias produziam o algodão durante a guerra?

Como a guerra afectou as relações de género a nível das famílias?

O que mudou nas relações entre homens e mulheres no contexto da guerra?

Quais foram as estratégias de sobrevivência adoptadas pelas mulheres para fazer face à situação de guerra no distrito?